

CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL
Bacharelado em Jornalismo

GABRIELA ZAVARESE DOS SANTOS

**DO FATO À NOTÍCIA: A COBERTURA JORNALÍSTICA DO INCÊNDIO NA
BOATE KISS PELO JORNAL ZERO HORA**

VIAMÃO
2021

GABRIELA ZAVARESE DOS SANTOS

**DO FATO À NOTÍCIA: A COBERTURA JORNALÍSTICA DO INCÊNDIO
NA BOATE KISS PELO JORNAL ZERO HORA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial
para obtenção do grau de Bacharel
em Jornalismo ao Centro Universitário
Internacional.

Orientadora: Profa. Dra. Karine Moura
Vieira.

VIAMÃO

2021



Curso de Bacharelado em Jornalismo

Ata de Banca de Avaliação de Trabalho de Conclusão de Curso

Aos 14 dias do mês de setembro de 2021 realizou-se a banca de avaliação de Trabalho de Conclusão de Curso do/a estudante Gabriela Zavarese dos Santos, portador do Registro Uninter 1370707 do curso de Bacharelado em Jornalismo do Centro Universitário Internacional Uninter. Na ocasião, o trabalho desenvolvido na fase de defesa, na modalidade monografia, sob o título Do fato à notícia: a cobertura jornalística do incêndio na Boate Kiss pelo jornal Zero Hora e orientação do/a professor/a Dra. Karine Moura Vieira, foi apreciado pelos seguintes membros da banca avaliadora:

Examinador/a 1: Dra. Mônica Fort

Examinador/a 2: Me. André Corradini

Após a conferência do trabalho e considerando a média das notas atribuídas pelos professores examinadores nas fichas de avaliação, atribuiu-se a seguinte nota: 10

Sendo assim, considerou-se o/a estudante aprovado.

Assinam os seguintes participantes:

Orientador/a:

Karine Moura Vieira

Examinador/a 1:

Mônica Fort

Examinador/a 2:

André Corradini

Estudante:

Gabriela Zavarese dos Santos

AGRADECIMENTOS

A Deus. Louvado seja o Teu nome.

A Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças. A vontade de Deus é que recebamos tudo por Maria.

Aos professores de cada uma das disciplinas do curso de bacharelado em jornalismo do Centro Universitário Internacional. O futuro tem uma via de mão única que é a educação e vocês pilotam muito bem nesse sentido.

Aos meus orientadores da qualificação, Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro e Prof. Dr. Guilherme Gonçalves de Carvalho. À minha orientadora da defesa, Profa. Dra. Karine Moura Vieira. À minha banca da qualificação e da defesa, Prof. Me. André Luiz Delgado Corradini e Profa. Dra. Mônica Cristine Fort. A vida é feita de referências e vocês são as minhas.

Ao editor-chefe do jornal Zero Hora, Nilson Vargas. Privilégio de quem foi e sorte de quem será ajudado por ti a seguir na Comunicação Social.

À assistente de pesquisa do Centro de Documentação e Informação do Grupo Rede Brasil Sul, Letícia Coimbra Machado. Acredito que as pessoas boas e gentis como tu têm um lugar garantido no pódio da vida.

Ao meu avô, Renato Antonio Zavarese. O torcedor que equivale a dez Arenas do Grêmio lotadas.

À minha mãe, Daniela Zavarese. Os jogadores de futebol estão certos quando dizem que os fatores casa e torcida fazem toda a diferença.

À minha filha, Hella. O amor tem quatro letras e, por certo, quatro patas.

À minha irmã e comadre, Andriela Zavarese Pinto. Ao meu cunhado e compadre, Venilson José de Lima Machado. Aos meus sobrinhos e afilhados, Denilson Aislan Zavarese Machado e Murilo Zavarese Machado. Vocês são as minhas melhores conexões com a Gabriela de Santa Maria.

DEDICATÓRIA

Obra dedicada para Danilo Brauner Jaques, que, no acontecimento-chave para que a mesma fosse desenvolvida, voltou para o lado de Deus.

“Minha criança”, Luís Vaz de Camões sempre esteve certo. O “amor é fogo que arde sem se ver” (CAMÕES, 1598, p. 21) mesmo.

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo investigar o processo da cobertura jornalística do incêndio na Boate Kiss, ocorrido em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, identificando o destaque dado aos critérios de noticiabilidade e valores-notícia, baseado na tabela-síntese, a qual foi usada como parâmetro para esta análise, elaborada, em 2006, por Moreira. Esta pesquisa apresenta a análise da cobertura jornalística da tragédia pelo jornal Zero Hora, que é o maior jornal gaúcho de circulação diária do Brasil, e teve como objeto de estudo a capa e a matéria principal da edição nº 17.278, ano 49, de segunda-feira, 28 de janeiro de 2013, do mesmo.

PALAVRAS-CHAVE: Boate Kiss; Jornalismo; Tragédia; Valor-notícia; Zero Hora.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Síntese dos valores-notícia.....	20
FIGURA 2 – Cartaz da festa.....	25
FIGURA 3 – Porcentagem das páginas.....	29
FIGURA 4 – Capa do jornal Zero Hora.....	29
FIGURA 5 – Imagem original.....	32
FIGURA 6 – Capa da revista Veja.....	32
FIGURA 7 – Matéria principal do jornal Zero Hora.....	33
FIGURA 8 – Matéria principal do jornal Zero Hora.....	33
FIGURA 9 – Capturas de tela.....	34
FIGURA 10 – Capturas de tela.....	34
FIGURA 11 – Capturas de tela.....	34
FIGURA 12 – Capturas de tela.....	35
FIGURA 13 – Relação com os valores-notícia.....	44

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 METODOLOGIA.....	13
3 A TEORIA DO NEWSMAKING.....	15
3.1 CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE.....	16
3.2 VALORES-NOTÍCIA.....	17
4 A COBERTURA JORNALÍSTICA DE TRAGÉDIAS.....	22
4.1 A TRAGÉDIA DE SANTA MARIA.....	24
4.2 O JORNAL ZERO HORA.....	27
5 ANÁLISE DOS DADOS.....	28
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS.....	47
ANEXOS.....	58

1 INTRODUÇÃO

Uma cobertura, no jornalismo, “corresponde ao trabalho de reportagem a ser realizado no local da ocorrência de um fato a ser noticiado” (EMERIM; BRASIL, 2011, p. 4), podendo ser dividida em duas categorias: esperadas ou inesperadas. As coberturas esperadas abordam eventos obrigatórios do calendário, enquanto as coberturas inesperadas não contam com um tempo hábil para o preparo.

Assuntos relacionados a tragédias costumam ser corriqueiros por apresentarem a maioria dos quesitos existentes nos valores-notícia, que fazem parte de um constructo cognitivo que prevê parcialmente quais eventos entrarão para a mídia e como serão cobertos, expressos nas teorias do jornalismo.

Apesar da existência de um grupo de atributos que historicamente se repetem, os valores que fazem a notícia variam, conforme afirma Traquina (2002), de acordo com cultura, economia, sistema político e demais características de cada região, além de variar de um tipo de veículo para outro.

As catástrofes denominadas “naturais”, segundo Serra (2005), estão dentro dos valores-notícia que interessam ao jornalismo, sendo um exemplo de situações em que o risco se torna palpável, ou seja, tem uma cobertura expressiva da mídia. Lozano Ascencio (1995) define o conceito de uma catástrofe contemporânea como uma catástrofe mediatizada pela aparição diária em meios de comunicação, além de ela ser um lugar de experiências únicas.

O desastre passa a ser uma catástrofe no momento que é um evento com uma probabilidade baixa de acontecer. Para Posner (2004), esses eventos se configuram como descontínuos ao fluxo de casos que os antecedeu e produzem um grande dano na sociedade.

Desastres sempre são notícias e uma cobertura de qualidade é imprescindível para difundir informações relevantes em todas as fases do desastre. A participação da imprensa nas políticas de redução de risco se torna, então, inevitável, uma vez que, mesmo sem tomar consciência, a mera cobertura do desastre já contribui, positiva ou negativamente, para informar - ou desinformar - a população. (SANTOS, 2012, p. 2)

O trágico, de acordo com Traquina (2005), desperta o interesse do público desde os primórdios do jornalismo. A etimologia da palavra “tragédia” está distante da compreensão que se tem hoje sobre o termo. Azevedo e Martins (2008) defendem que a ideia de tragédia ampliou-se em decorrência do desenvolvimento de manifestações literárias, deixando de ser uma referência apenas ao teatro e passando a servir como sinônimo de um acontecimento em que o cotidiano é surpreendido por um estrago. Atualmente, tragédia é “como o acontecimento imprevisto e irreversível que transforma a nossa vida através do sofrimento” (SANTOS, 2002, p. 73).

O evento ocorrido durante o show da banda Gurizada Fandangueira, em 27 de janeiro de 2013, na Rua dos Andradas, 1925, em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, que deixou 242 mortos e 636 feridos, expôs não só o drama das famílias de vítimas e dos sobreviventes, como também a complexidade da cobertura jornalística no ambiente desestruturado em que o acesso às fontes autorizadas e/ou oficiais e às testemunhas foi um obstáculo devido à dificuldade de apuração.

Consideramos fontes autorizadas ou oficiais as pessoas com a função de representação institucional ou organizacional, [...] dispõem de um conjunto de competências específicas e conhecimentos especializados, já as testemunhas têm visibilidade pelos relatos de suas experimentações, pois presenciaram o fato, participaram diretamente de sua causa ou sofreram as consequências dele. (AMARAL, 2013, p. 183)

A cautela é fundamental quando há uma tragédia, principalmente em casos como o da Boate Kiss, que ensinou, em tempo real, a fazer o jornalismo da urgência, enfrentando os desafios de apuração, emoção e pressão do tempo. Para Motta e Rublescki (2013, p. 6), o “cenário costuma ser de caos absoluto, a grande dificuldade do jornalista é apurar as informações”.

Ainda que o jornalista cumpra o papel de mediador do fato à notícia, compreende-se que em uma cobertura de tragédia esta função ganha outros contornos, a partir de seu relato com base na vivência do acontecimento. O profissional assume o papel de testemunha, mesmo que “contrariando a lógica de uma imprensa hegemônica pautada pela objetividade” (PERES, 2006, p. 92). Este testemunho se torna uma alternativa para contornar a instabilidade de

apuração nas primeiras horas da ocorrência. “Cabe ao jornalista sedimentar uma realidade sólida para o público” (PEREIRA JUNIOR, 2006, p. 70).

Seligmann-Silva (2008, p. 66) considera o testemunho uma atividade elementar que desencadeia. Casadei (2014) salienta que no início do século XX a função testemunhal cabia ao profissional de imprensa. Nesse sentido, a ação de noticiar os fatos embasados no que o jornalista presencia não deve ser considerado como um segmento a parte dentro do fazer jornalístico.

Dizer que o repórter foi testemunha dos fatos ou convocar um terceiro como fonte para dar um testemunho sobre determinado tema são ideias que parecem já estar internalizadas ao que se entende socialmente como jornalismo. (LEAL; LAGE, 2015, p. 5)

Em vista do exposto, apresenta-se o problema norteador desta monografia: quais são os elementos noticiosos, como valores-notícia, da cobertura jornalística do incêndio na Boate Kiss?

O objetivo geral da pesquisa é investigar o processo, do fato à notícia, da cobertura jornalística, pelo jornal Zero Hora, pertencente ao Grupo Rede Brasil Sul, do incêndio na Boate Kiss. Dentro desta proposta, os objetivos específicos são: analisar a capa e a matéria principal da edição nº 17.278, ano 49, de segunda-feira, 28 de janeiro de 2013, do jornal Zero Hora, identificando os critérios de noticiabilidade e valores-notícia presentes; compreender como o valor-notícia morte aparece na cobertura e entender a construção narrativa da mesma presente na edição.

Justifica-se o estudo em pauta pelo interesse de apresentar uma discussão sobre os critérios de noticiabilidade e valores-notícia expostos na cobertura da primeira edição após a maior tragédia do Rio Grande do Sul pelo maior jornal do estado. Além de conhecer e valorizar, como forma de conhecimento, a experiência de quem cobriu o incêndio.

A monografia está dividida em seis capítulos. O primeiro, sendo esta introdução, que serve de abertura para produzir o conteúdo e incentivar a leitura completa do mesmo; o segundo, destinado a apresentar o aporte metodológico, que é a análise de conteúdo, a ser aplicado no avanço do estudo, considerando que este é o capítulo que descreve o caminho percorrido para chegar a uma conclusão científica; o terceiro aborda a Teoria do *Newsmaking*, que é a teoria do jornalismo utilizada como base na pesquisa; o

quarto apresenta a cobertura jornalística de tragédias, contando, em seguida, os bastidores do incêndio na Boate Kiss; o quinto é atribuído à análise da amostra selecionada e o sexto é destinado às considerações finais, que é onde se unem as ideias e fecham-se as questões apresentadas no trabalho.

2 METODOLOGIA

A pesquisa bibliográfica, que é um recurso de formação que compõe o procedimento fundamental para uma monografia, realizada após a escolha do tema, foi dividida em duas etapas. Na primeira etapa, para identificar o que já foi produzido anteriormente, por outros pesquisadores, em pesquisas que analisam cobertura jornalística e cobertura jornalística de tragédias.

A pesquisa bibliográfica procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em artigos, livros e teses. Pode ser realizada independentemente ou como parte da pesquisa descritiva ou experimental. (CERVO; BERVIAN; SILVA, 2007, p. 60)

Serão utilizadas técnicas de coleta de dados por meio de referências bibliográficas, analisando autores que expõem argumentos relevantes para coberturas.

Do ponto de vista acadêmico, as análises relativamente à casa noturna que foi palco de uma das maiores tragédias do Brasil têm relevância quando se trata de conhecimento em diferentes áreas. Para o jornalismo, essas pesquisas trazem à tona os desafios profissionais não discutidos na prática jornalística diária.

Entre os estudos sobre a Boate Kiss, destaca-se, com um papel fundamental na segunda etapa desta monografia, a análise de conteúdo, que, segundo Fonseca Júnior (2009, p. 280), baseia-se na análise de mensagens, cumprindo com os requisitos de confiabilidade e sistematicidade. Herscovitz (2010) afirma, em texto no qual aborda o tema, que a metodologia:

Pode ser utilizada para [...] descrever e classificar produtos, gêneros e formatos jornalísticos, avaliar características da produção de indivíduos, grupos e organizações, identificar elementos típicos, exemplos representativos e discrepâncias e comparar o conteúdo jornalístico de diferentes mídias em diferentes culturas. (HERSCOVITZ, 2010, p. 123)

Nesta etapa, analisou-se a edição nº 17.278, ano 49, de segunda-feira, 28 de janeiro de 2013, do jornal Zero Hora que, com uma parte da equipe em Porto Alegre e outra em Santa Maria, começou a ser organizada na tarde de domingo, 27 de janeiro de 2013.

Por meio de uma pesquisa qualitativa, foi feita uma revisão bibliográfica, que, de forma geral, é a contribuição das teorias de outros autores para este trabalho; uma pesquisa documental, com a busca da edição escolhida como base, que se cumpriu através de contato com o editor-chefe, Nilson Vargas, do jornal Zero Hora e a assistente de pesquisa, Letícia Coimbra Machado, do Centro de Documentação e Informação do Grupo RBS; a análise de conteúdo, que se fundamenta em uma reunião de procedimentos que se aplicam da mesma forma a todo conteúdo analisável, com a finalidade de descrever as situações utilizando critérios que estabelecem proporções e correlações entre as variáveis observadas e procurando elementos que permitam a ratificação das hipóteses. Lozano (1994, p. 141-142) explica que estes elementos tornam a análise de conteúdo um método confiável ou objetivo, uma vez que permite que diferentes pesquisadores, “aplicando em separado as mesmas categorias à mesma amostra de mensagens, podem chegar às mesmas conclusões”.

A pesquisa ainda conta com a tabela obtida por Moreira (2006), em sua dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com os valores-notícia como categorias de análise. “Os trechos com referências explícitas ao tema foram transcritos para um grande quadro, que foi sendo reagrupado e reduzido” (MOREIRA, 2006, p. 93) até chegar à tabela em questão, “que possibilitasse uma análise reflexiva dos valores” (MOREIRA, 2006, p. 93).

Pensando na fundamentação teórica do trabalho, a Teoria do *Newsmaking*, explorada durante os anos do curso de bacharelado em jornalismo, teve caráter essencial durante a construção do mesmo. O jornalismo pode ser explicado por esta teoria, que compreende que ele é como é devido a sua forma de fazer, a partir de suas rotinas ou seus processos de produção.

3 A TEORIA DO NEWSMAKING

As pesquisas em jornalismo existem desde 1690, ano que Tobias Peucer defendeu a primeira tese na área, na Universidade de Leipzig, na Alemanha. Ele, que define o jornalismo, os *relatos periodísticos*, como a exposição dos fatos, ocorridos recentemente, por meio das notícias, ensaia, em sua asserção, uma classificação desses acontecimentos:

Misturam coisas de temas diferentes, como acontece na vida diária ou como são propagadas pela voz pública, para que o leitor curioso se sinta atraído pela variedade de caráter ameno e preste atenção. (PEUCER, 2004, p. 16)

No Brasil, “as reflexões críticas sobre o jornalismo tomaram corpo após 1950, mas só ganharam o respaldo definitivo da universidade na década de 1970, graças ao trabalho de José Marques de Melo” (PENA, 2005, p. 1), jornalista e professor universitário brasileiro, que foi o primeiro doutor em jornalismo e um dos principais teóricos da comunicação no país.

Quando se trata de Comunicação, descobrir o que a notícia foi e é constitui uma das mais relevantes investigações a guiar os estudos. Dentre esses estudos, está a abordagem do *newsmaking*, que recai sobre os processos de produção das matérias e em como o veículo de comunicação trata a informação e o jornalista apresenta estas informações para o público.

A organização do trabalho e dos processos produtivos nas redações e a cultura profissional determinam os conceitos do produto-notícia e as condições de sua confecção. Um dos tantos focos desse tema são os critérios de noticiabilidade, que é o conjunto de requisitos relativos que determinam se um evento tem capacidade para se tornar uma notícia.

Podemos definir o conceito de noticiabilidade como o conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possuir um valor como notícia. Assim, os critérios de noticiabilidade são o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento ou assunto é susceptível de se tornar notícia, ou seja, de ser julgado como merecedor de ser transformado em matéria noticiável e, por isso, possuindo “valor-notícia”. (TRAQUINA, 2008, p. 63)

Portanto, os valores-notícia são como parte constituinte, ou seja, um componente, da noticiabilidade.

Eles informam ao mundo as notícias que são apresentadas ao público, fornecendo uma compreensão operacional resumida do que é compartilhado entre jornalistas em atividade, que trabalham dentro de prazos bem definidos. É a maneira como os valores noticiosos atuam na prática e que resulta em como eles são articulados e transmitidos aos novos jornalistas e aos estudantes de jornalismo, também como são utilizados por profissionais de relações públicas e outros com o objetivo de obter o máximo aproveitamento da cobertura de eventos. (HARCUP; O'NEILL, 2017, p. 1)

A escolha do que é noticiável encontra-se dirigida à “condição factível” do produto informativo, a realizar-se em tempo limitado, introduzindo “práticas de produção estáveis em uma matéria-prima, por sua natureza imprevisível” (WOLF, 2003, p. 196-197). Explorar os valores-notícia é uma oportunidade de entender a dimensão operacional, mesmo que breve, dos bastidores do trabalho diário dos profissionais da área de comunicação.

A perspectiva da Teoria do *Newsmaking* é construtivista, este método “ênfatisa o carácter convencional das notícias, admitindo que elas informam e têm referência na realidade” (PENA, 2013, p. 129). Todavia, também ajudam a construir a realidade e “possuem uma lógica interna de constituição que influencia todo o processo de construção” (PENA, 2013, p. 129).

Para Wolf (1994, p. 226), o *newsmaking* tenta “descrever o trabalho comunicativo dos emissores como um processo no qual ‘acontece tudo’”. Ele defende que os discursos jornalísticos são produzidos a partir de operações (práticas profissionais) e pressões sociais, além das notícias não refletirem a realidade, mas ajudarem a construí-la.

Entre as preocupações de diversos autores, como Galtung e Ruge (1965), Hartley (1982), Ericson, Baranek e Chan (1987), Wolf (2003), Gans (2004) e Traquina (2008), esteve o estudo dos valores-notícia. Em meio dos nomes apresentados, no que diz respeito à teorização dos valores-notícia, percebe-se distintos tipos de abordagem.

3.1 CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE

Os critérios de noticiabilidade, definidos como “o conjunto de elementos através dos quais o órgão informativo controla e gere a quantidade e o tipo de acontecimentos, de entre os quais há que seleccionar as notícias” (WOLF, 2009,

p. 195), são fatores que vão interferir na escolha dos fatos a serem noticiados e o seu grau de relevância social, “esses aspectos determinam, além da publicação ou não de um fato, o tempo de tela dado à notícia e os recursos estéticos e técnicos utilizados para a produção da reportagem” (ARCOVERDE, 2019, p. 9).

A noticiabilidade de um acontecimento está frequentemente sujeita a falta de acordo e entendimento e depende das necessidades e dos interesses do órgão informativo e dos jornalistas. “Não há um processo rigidamente fixado e uma avaliação esquematicamente pré-ordenada da noticiabilidade” (AGUIAR, 2006, p. 11).

Mauro Wolf é um dos autores que explica a noticiabilidade como consequente da cultura profissional e os seus valores como também da organização do trabalho.

A noticiabilidade é constituída pelo complexo de requisitos que se exigem para os eventos, do ponto de vista da estrutura do trabalho nos aparatos informativos e do profissionalismo dos jornalistas, para adquirir a existência pública de notícia. (WOLF, 2003, p. 195)

Se a noticiabilidade é um conjunto de critérios que concebe e monitora o tipo e a quantidade de acontecimentos para selecionar os que serão produzidos como informação jornalística, “a sua aplicação está baseada nos valores-notícia” (AGUIAR, 2007, p. 5). Os valores-notícia seriam uma componente desse conjunto de elementos que determinam a seleção da notícia, para Wolf (2008, p. 207), eles derivam de admissões implícitas ou de considerações relativas aos caracteres substantivos das notícias, ao seu conteúdo, à disponibilidade do material e aos critérios relativos ao produto informativo, ao público e à concorrência.

3.2 VALORES-NOTÍCIA

Na tentativa de compreender os valores-notícia e lidar com os mesmos, de maneira mais detalhada, é possível sugerir que eles “são uma parte mais específica dos critérios de noticiabilidade, de modo que compartilham de seus objetivos gerais, mas possuem outros específicos” (FEITOZA, 2015, p. 3).

Golding e Elliott (1979) e Gans (1979) estão entre os vários autores que dedicaram o maior espaço em suas obras para a reflexão sobre os aspectos teóricos dos valores-notícia. Segundo Golding e Elliott (1979), os valores-notícia atuam não só selecionando elementos dignos de serem incluídos no produto final, mas também como linhas-guia, que são conteúdos editoriais que têm por finalidade determinar/normalizar/padronizar/regular ações, para a apresentação do mesmo. Portanto, os valores-notícia continuam funcionando depois da seleção, à proporção que auxiliam o jornalista a organizar, segundo uma forma hierárquica, as informações que são mais ou menos relevantes.

Os valores-notícia são qualidades dos acontecimentos ou da sua construção jornalística, cuja presença ou ausência os recomenda para serem incluídos em um produto informativo. Quanto mais um acontecimento exibe essas qualidades, maiores são as suas possibilidades de ser incluído no processo de produção. (GOLDING; ELLIOTT, 1979, p. 114)

E continuam:

São, portanto, regras práticas que abrangem um *corpus* de conhecimentos profissionais que, implicitamente, e, muitas vezes, explicitamente, explicam e guiam os procedimentos operacionais redactoriais. Não é verdade que estejam para além da compreensão dos jornalistas que não seriam capazes de articulá-los. Na realidade, os valores-notícia estão continuamente presentes nas interações quotidianas dos jornalistas nas suas cooperações profissionais. (GOLDING; ELLIOTT, 1979, p. 114)

Para Gans (1979), os valores-notícia não são classificações abstratas, mas critérios precisos, capazes de serem aplicados com agilidade e clareza, de maneira que as escolhas possam ser feitas sem demasiada reflexão pelos jornalistas. Ele acrescenta considerações sobre demais atributos gerais dos valores-notícia.

Os critérios devem ser flexíveis para poderem adaptar-se à infinita variedade de acontecimentos disponíveis, além disso, devem ser relacionáveis e comparáveis, dado que a oportunidade de uma notícia depende sempre das outras notícias igualmente disponíveis. (GANS, 1979, p. 82)

E soma:

Finalmente, mas não menos importante, os critérios são orientados para a eficiência, de forma a garantirem o necessário reabastecimento de notícias adequadas com o mínimo dispêndio de dinheiro, esforço e tempo. (GANS, 1979, p. 82)

Entre os estudos específicos sobre o tema, está o de Johan Galtung e Mari Ruge (1993), que é o trabalho mais citado na literatura consultada. Nele, os autores postulam que, apesar de não ser uma regra absoluta, quanto maior o número de valores um acontecimento possuir, mais noticiável ele é. Eles enumeram oito elementos que tornam algo uma notícia: frequência relativa à duração do acontecimento, amplitude do evento, clareza ou falta de ambiguidade, significância, consonância, inesperado, continuidade e composição. O valor “atualidade”, que é essencial no jornalismo, não aparece neste estudo e, de todos os outros autores pesquisados, ele só aparece no trabalho de Mauro Wolf em 1987. Galtung e Ruge (1993) apontam, ainda, o que chamam de valores socioculturais: referências a nações de elite, referências a pessoas de elite, personalização e negatividade.

Para Wolf (2003), os valores-notícia de seleção referem-se aos critérios aplicados pelos jornalistas no instante em que têm de selecionar as ocorrências que são merecedoras de serem contadas. Esta demanda “pode ser sistematizada em dois subgrupos de valores-notícia: os critérios substantivos e os critérios contextuais” (RODRIGUES, 2016, p. 24). Os primeiros concernem à importância do acontecimento para se tornar noticiável e os segundos referem-se ao contexto de produção em que é feita a notícia.

Os valores-notícia de seleção (critérios substantivos) consideram, a título de exemplo, a morte. Ela “acaba [...] [recebendo] destaque na vida das pessoas [...] [porque] configura a raiz de todos os medos” (JOCHELAVICIUS, 2019, p. 15), “é um valor-notícia fundamental para esta comunidade interpretativa” (TRAQUINA, 2007, p. 187) e uma justificativa “que explica o negativismo do mundo jornalístico que é apresentado diariamente nas páginas dos jornais ou nos ecrãs da televisão” (TRAQUINA, 2007, p. 187).

Diante dos “aspectos que provocam o medo, conhecer os mecanismos de produção da notícia” (JOCHELAVICIUS, 2019, p. 15) e entender como eles “estão presentes nas notícias [...] em jornal [...] permite perceber de que forma esses fatos são entregues ao leitor” (JOCHELAVICIUS, 2019, p. 15).

Moreira (2006) elaborou, após sucessivos agrupamentos dos valores-notícia citados na literatura, um quadro (FIGURA 1) que os organiza a partir da política editorial. Na pesquisa empírica, que é a busca de dados convenientes e

relevantes obtidos através da experiência/vivência do pesquisador, de Moreira (2006), os valores do quadro (FIGURA 1) funcionaram como categorias para a análise de seu estudo, assim como para este trabalho. “O quadro foi elaborado a partir dos itens mencionados em 13 trabalhos” (MOREIRA, 2006, p. 100), sendo eles: Walter Lippmann (1922), Wilbur Schramm (1949), Fraser Bond (1962), Johan Galtung e Mari Ruge (1965), Herbert Gans (1970), Richard Ericson, Patricia Baranek e Janet Chan (1987), Mauro Wolf (1989), Teun Van Dijk (1990), Pamela Shoemaker (1991), Mar de Fontcuberta (1993), Stella Martini (2000), Lorenzo Gomis (2002) e Nelson Traquina (2002).

FIGURA 1 – Síntese dos valores-notícia

POLÍTICA EDITORIAL																			
INTERESSE																			
ATUALIDADE / INEDITISMO	IMPORTÂNCIA				EMOÇÃO / DRAMATICIDADE	ENTRETENIMENTO	SUSPENSE	EXCEPCIONALIDADE				CONFLITO / CONTROVÉRSIA	NEGATIVIDADE			INTERESSE PÚBLICO / SOCIAL			
	CONSEQUÊNCIAS	AMPLITUDE / IMPACTO	INTENSIDADE / GRAVIDADE	UTILIDADE / SERVIÇO				NOTORIEDADE DOS AGENTES	EXTRAORDINÁRIO / SENSACIONAL	INCOMUM / INSÓLITO / SINGULAR	MUDANÇA		IMPREVISIBILIDADE / INESPERADO / SURPRESA	INFRAÇÃO / ILEGALIDADE	NEGATIVIDADE		FALHA / ANORMALIDADE	VIOLÊNCIA	PROXIMIDADE

Fonte: Fabiane Barbosa Moreira (2006)

No quadro (FIGURA 1) de Moreira (2006), dois ou mais valores podem aparecer associados, isso porque “o mesmo valor foi referenciado pelos autores utilizando termos diferentes, mas semelhantes no sentido” (MOREIRA, 2006, p. 100) ou porque “o sentido de ambos os valores é tão próximo que eles aparecem quase sempre juntos” (MOREIRA, 2006, p. 101).

Moreira (2006, p. 100) parte “do pressuposto de que todos os valores-notícia estão submetidos à política editorial” e, por isso, ela encontra-se no lugar mais alto do quadro (FIGURA 1).

Poder-se-ia admitir um conceito de política editorial como: a arte ou ciência relativa à organização [...] e à execução de atividades orientadas a comunicar, sob a forma de escrita (isto, sob certos aspectos, pode ser estendido a outros tipos de comunicação), todo e qualquer fato de interesse de determinado(s) grupo(s) ou público(s). A amplitude que o conceito abarca, como consequência de sua

vinculação com aquele de comunicação, permite que se trace um paralelo entre ambos e que se procure, a partir daí, estabelecer os componentes de uma política editorial. (ROSINHA, 1989, p. 252)

“Apesar de não ser um valor-notícia, mas um critério de noticiabilidade (pois não está no fato), a política editorial foi incluída” (MOREIRA, 2006, p. 100) no estudo da autora, por ela acreditar que, assim, expressaria “de forma contextualizada o processo de noticiabilidade” (MOREIRA, 2006, p. 100). Salienta-se que “a política editorial não é uma categoria de análise” (MOREIRA, 2006, p. 100), está no quadro (FIGURA 1) “apenas para fins ilustrativos” (MOREIRA, 2006, p. 100).

4 A COBERTURA JORNALÍSTICA DE TRAGÉDIAS

Tragédias costumam trazer danos irreparáveis, ainda mais quando envolve fogo. O homem, que busca, desde o princípio da humanidade, conhecer e dominar este elemento que é essencial para a sua sobrevivência, vez ou outra se depara com eventos que fogem, à primeira vista, da sua compreensão. O que é consumido pelo fogo não pode ser resgatado: “tudo absorvendo no caos que provoca, o fogo atrai a si os eventos e a história, porque o fogo muda tudo o que toca” (ILHARCO, 2008, p. 144). Extrai-se, a partir daí, que o fogo provoca a transformação dos elementos que atinge, deixando uma marca na história. Em coberturas jornalísticas de tragédias, mais especificamente de incêndios, percebe-se a marca em questão, não apenas no registro do fato, mas nas retomadas das mesmas. “Retomar uma história brutalmente interrompida sem os personagens principais exige uma reinvenção de si mesmo” (ARBEX, 2018, p. 185).

Segundo a Norma Brasileira de Regulamentação – NBR 13860 (1997, p. 7), “incêndio é o fogo sem controle”. Como incêndios podem ser considerados acontecimentos não intencionais, que por suas aleatoriedades não contavam com cobertura desde a base nem presença de profissionais de imprensa no interior da estrutura do acidente, as pessoas envolvidas no evento são fundamentais como fontes de informação.

O testemunho diz em primeiro lugar: “eu estava lá”. [...] [Ele] se coloca, então, como um terceiro entre dois protagonistas ou entre a ação e a situação à qual a testemunha diz ter assistido, sem necessariamente ter tomado parte nelas. Esta declaração é ao mesmo tempo uma asserção capaz de sustentar uma realidade factual tida como importante e uma certificação da declaração por seu autor. (RICOEUR, 2000, p. 737)

No caso da cobertura jornalística da tragédia na Boate Kiss é muito presente a postura do jornalista como testemunha. Em muitas entradas ao vivo, por exemplo, foi possível notar expressões do tipo “nos emociona” e “notamos uma situação desoladora na cidade”.

Embora estas sejam, ainda, manifestações um tanto pontuais para constituírem tendência, concebe um modo de relação com a circunstância em que o sujeito, implicado naquilo que conta, confere ao relato o efeito de verdade principalmente pelo testemunho. (SERELLE, 2009, p. 2)

Nesta perspectiva, quando o jornalista tem a vivência do acontecimento, “não nos parece estranho, portanto, que em alguns casos ele possa assumir uma retórica que é comumente associada à figura da testemunha” (LEAL; LAGE, 2015, p. 4). Além disso, o testemunho do profissional de imprensa pesa em tragédias pela própria eminência de ele “se tornar uma das vítimas também” (AMARAL, 2013, p. 5).

A cobertura jornalística de tragédias de grandes proporções, como a de Santa Maria, “desperta grande interesse popular” (HENN, 1996, p. 69). A mídia passa “a dar uma grande visibilidade” (MAGNANI, 2015, p. 22) por conta do imediatismo que envolve o caso e, também, pela “necessidade de se noticiar a dor, entendida como elemento constitutivo não apenas das tragédias, mas da própria atividade humana, indissociável, portanto, da cobertura jornalística” (MORETZSOHN, 2013, p. 2). “Um trabalho difícil de fazer, mas necessário” (LOPES, 2013, p. 6), onde o compromisso de auxiliar com informações é da imprensa regional (DIAS, 2013). Para Duarte (2010), uma diferença marcada nesta imprensa é mais atenção ao próximo do que para o país ou o mundo.

De acordo com Fabiana Sparremberger (2013), editora-executiva do jornal Diário de Santa Maria, que também é um dos veículos impressos do Grupo RBS, lançado em 19 de junho de 2002, a cobertura da Boate Kiss mobilizou toda a redação. O caos aconteceu até o último momento (SPARREMBERGER, 2013).

A necessidade de instruir a comunidade e [...] estabelecer redes de solidariedade nos pareceu [...] muito maior do que relatar a dor e o desespero que víamos no rosto dos que ali chegavam. O interesse do nosso público e a demanda dele por informações era, certamente, diferente dos públicos não atingidos diretamente pela tragédia e, por isso, o nosso posicionamento precisou ser diferente. (DIAS, 2013, p. 9)

Além de serem úteis com informações de interesse público e da comercialização de material produzido regionalmente, os jornalistas serviam de fontes para os veículos nacionais e internacionais (DIAS, 2013) e, a partir disso, a cobertura jornalística, que foi construída, inicialmente, por atores da região e, posteriormente, transmitida ao mundo, passou a se diferenciar.

Para Santos (1997), o sentido do mundo está em ser comum e, por meio disso, alcançar as relações de reciprocidade, que levam à alteridade e à

comunicação, muito observadas no caso da Kiss. Por isso, vale ressaltar que, além dos critérios de noticiabilidade, outros elementos, como este do autor, por exemplo, são fundamentais para o compartilhamento de informações entre nações. Ele vê, ainda, estas relações em um processo de interação e interlocução, resultante de partilhamento de experiência.

4.1 A TRAGÉDIA DE SANTA MARIA

O incêndio, provocado por um artefato pirotécnico conhecido como *sputnik*, batizado dessa forma em alusão ao formato semelhante aos satélites soviéticos de mesmo nome, que matou 242 e feriu 636 pessoas, teve uma repercussão em larga escala. Segundo o Ministério Público do Estado do Rio Grande do Sul (2013, p. 4-6), com base no inquérito policial nº 027/2.13.0000696-7, em denúncia, o fogo de artifício foi identificado como “Chuva de Prata 6” (laudo pericial nº 12268/2013, fls. 5757 a 5918 do anexo XXVII do IP, mais especificamente fls. 5836 a 5840), cujas centelhas entraram em contato com a espuma altamente inflamável (laudo pericial nº 15209/2013, fls. 5685 a 5692 do anexo XXVI) e era sabidamente inapropriado para o local, pois se destinava a uso externo (laudo pericial nº 12268/2013, fls. 5757 a 5918 do anexo XXVII do IP, mais especificamente fls. 5836 a 5840).

“O acordar do [...] 27 de janeiro de 2013 pode ser figurativo” (OLIVEIRA; ETGES, 2014, p. 1). Os brasileiros, especialmente os gaúchos, “não apenas despertaram do sono: acordaram para a falta de prevenção contra incêndios em locais privados e públicos” (OLIVEIRA; ETGES, 2014, p. 1).

A cidade de Santa Maria foi notícia nos principais jornais do mundo, que “têm em comum um fato que foi acionado pelo mesmo valor-notícia: a própria tragédia” (LONDERO, 2016, p. 65), devido ao fato que não só causou enternecimento, mas também estendeu discussões sobre segurança.

O acontecido Kiss se insere no conceito de acontecimento catastrófico estabelecido por Lozano Ascencio em 2005, onde “o autor reflete sobre o poder que as catástrofes têm de provocar novas repercussões partindo do próprio fato” (LONDERO, 2016, p. 65).

Os meios de comunicação neste tipo de situação [...] não são apenas as principais instâncias na configuração de informação pública, a partir de suas avaliações, descrições e explicações, mas também têm o poder para expandir as repercussões reais e causar novos climas informativos sobre riscos catastróficos. (LOZANO ASCENCIO, 2005, p. 289)

A festa “Agromerados” (FIGURA 2), organizada por estudantes dos cursos de Agronomia, Medicina Veterinária, Pedagogia, Tecnologia em Alimentos, Tecnologia em Agronegócio e Zootecnia da Universidade Federal de Santa Maria, marcada para iniciar às 23h de 26 de janeiro de 2013, foi planejada a fim de arrecadar fundos para a formatura dos acadêmicos.

FIGURA 2 – Cartaz da festa



Fonte: Green Live Produtora (2013)

Produzida pela Green Live Produtora “e, enfatizando a apropriação popular do termo aglomerados, a fórmula prometia repetir o êxito tantas vezes proporcionado em diversos estados brasileiros” (SILVEIRA, 2017, p. 15).

O propósito de evidenciar que a festa seria um amontoamento de alunos de escassas afinidades acadêmicas apostava no sucesso do compartilhamento da preferência musical pelo estilo gauchesco da banda Gurizada Fandanguera. (SILVEIRA, 2017, p. 15)

A banda Gurizada Fandanguera, que se apresentava por volta de 2h30min de 27 de janeiro de 2013, acionou o objeto que soltava faíscas e o fogo entrou em contato com o teto, revestido de uma espuma que liberava uma

fumaça extremamente tóxica. Diante da situação de caos, coube à imprensa local apurar as primeiras informações.

O processo de assistência às famílias, atendimento às vítimas, identificação de corpos e velórios foi acompanhado e transmitido na mídia durante o domingo. Os desdobramentos da tragédia também foram assistidos pelos meios de comunicação em dias subsequentes, nos quais “a Kiss seria comparada a uma ratoeira, verdadeira armadilha para jovens que jamais desconfiaram que não estavam seguros” (ARBEX, 2018, p. 103).

A tragédia de Santa Maria teve repercussão internacional, interrompendo a programação das televisões e ganhando destaque nos jornais e sites. No Brasil, a semana começou com a devida ênfase ao evento e o noticiário se distribuiu entre a busca de culpados, a denúncia de irregularidades em casas noturnas pelo país afora - o que motivou uma corrida das autoridades para dar uma “resposta” imediata a essa inesperada exposição midiática, fechando vários estabelecimentos - e o relato dramático dos que escaparam ou haviam perdido os seus amigos/parentes. (MORETZSOHN, 2013, p. 11)

O 27 de janeiro de 2013 “amanheceu de forma atípica” (LONDERO, 2016, p. 17) para as equipes de jornalismo. A cobertura mobilizou a “categoria de profissionais acostumados a terem o dia de domingo como mais ‘tranquilo’” (LONDERO, 2016, p. 17) de todas as emissoras do país.

Ainda sem a dimensão do acontecimento, os primeiros repórteres que chegaram à frente da Boate Kiss encontraram o caos: [...] o vaivém de ambulâncias, o desespero de bombeiros e voluntários que tentavam retirar, do prédio, frequentadores ainda com vida e, por fim, a aglomeração de corpos cobertos por lonas. Uma catástrofe que mobilizou veículos de comunicação de todo o mundo e apresentou aos jornalistas um desafio: apurar - o mais rápido possível - o que havia provocado tantas mortes em uma cidade de pouco mais de 280 mil habitantes, no extremo sul do Brasil. Era preciso contar a tragédia - ao vivo. (OLIVEIRA, 2016, p. 15)

“A mídia, por sua vez, [...] não estava preparada” (OLIVEIRA, 2016, p. 268), assim como “o município polo do Centro-Ocidental Rio-Grandense” (OLIVEIRA, 2016, p. 269) não estava preparado, “para atender as demandas decorrentes da tragédia” (OLIVEIRA, 2016, p. 268). “Dizer que ninguém estava [...] [esperando] um evento dessa natureza é mais do que um jogo de palavras, é uma afirmação literal” (ARBEX, 2018, p. 149). “As notícias veiculadas davam conta de que faltaram caixões e locais para velórios [...], por exemplo” (OLIVEIRA, 2016, p. 268). “Existia um drama [...] de uma comunidade que

[também] viu faltar [...] vela, flor e cova para os seus entes queridos” (ARBEX, 2018, p. 149). O número “de mortos dentro da boate obrigou as famílias a ter de lutar muito pelo direito básico de velar [os] seus mortos” (ARBEX, 2018, p. 149).

A tragédia em questão, primordial no presente estudo, “foi um fato de grandes proporções que efetivamente aconteceu, antes mesmo de ser midiático, mas que [...] já nasceu como acontecimento de múltiplas possibilidades de narração” (LONDERO, 2016, p. 14). “Depois da Kiss, ninguém seria mais o mesmo” (ARBEX, 2018, p. 173).

4.2 O JORNAL ZERO HORA

O jornal Zero Hora foi fundado em quatro de maio de 1964, na Rua Sete de Setembro, em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, pelo jornalista Ary de Carvalho. A sua sede atual foi inaugurada em 1969, na Avenida Ipiranga, no Bairro Azenha, também na capital gaúcha. Controlado pelo Grupo RBS desde 1970, é o maior jornal gaúcho de circulação diária do país.

Dono do *slogan* “Perto para entender, junto para transformar”, teve papel ativo na cobertura jornalística do incêndio na Boate Kiss. Pelo Grupo RBS possuir o jornal Diário de Santa Maria, em Santa Maria, o jornal Zero Hora “já possuía ‘equipes deslocadas’ até o lugar da tragédia” (LONDERO, 2016, p. 28).

A primeira edição após o domingo, 27 de janeiro de 2013, que foi publicada na segunda-feira, 28 de janeiro de 2013, “foi quase que um especial inteiramente dedicado ao acontecimento” (LONDERO, 2016, p. 28), com 56 páginas, da capa até a contra capa, sendo 46 delas sobre o assunto. A edição impressa, nº 17.278, ano 49, utilizada estritamente como fonte de pesquisa neste trabalho acadêmico, encontra-se digitalizada em anexos do mesmo.

5 ANÁLISE DOS DADOS

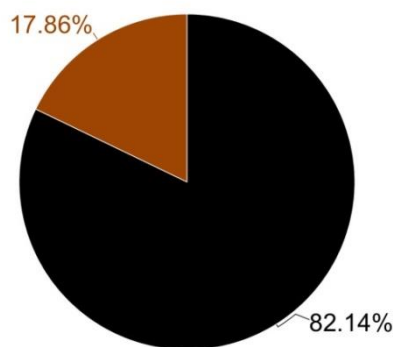
Segundo Amaral (1967, p. 133), “o retrato de um acontecimento não é jornalismo, é registro”, ou seja, o acontecido deve ser enriquecido pela cultura e pela técnica da narração de quem redige. O espaço destinado a um assunto, “muitas vezes, ganha maior importância” (CARLET; CARNIELLI; CAMPANELLA, 2013, p. 6) e é compreensível o destaque, dado pelo jornal Zero Hora, na quantidade de páginas da edição do dia posterior à tragédia de Santa Maria, pois “trata-se de um acontecimento que quebra de forma abrupta e inesperada a sequência cotidiana” (CARLET; CARNIELLI; CAMPANELLA, 2013, p. 3) e que, de acordo com Quéré (2005), convoca a atenção coletiva ao possuir o poder de revelação ao passo que pede para ser compreendido e faz compreender.

O critério utilizado para mensurar o valor total de páginas, da edição examinada, sobre o incêndio, foi a contagem por: 1 página e $\frac{1}{2}$ página, considerando que quatro delas são compostas por uma metade acerca do assunto e a outra metade com anúncios publicitários. Para o cálculo final, cada $\frac{1}{2}$ página foi considerada como 0,5, obtendo-se a somatória em páginas inteiras. A partir disso, a edição tem 46 páginas que tratam, tão somente, da Boate Kiss. A versão impressa do jornal Zero Hora tem formato tabloide, ou seja, cada uma de suas páginas têm, em média, 38cm de altura e 27,5cm de largura.

A edição analisada, segundo o infográfico (FIGURA 3), reservou 82.14% de suas páginas referentes à cobertura sobre a tragédia em Santa Maria e 17.86% com publicidades e outros assuntos. Dessa forma, além da capa e da matéria principal, foram analisadas as matérias “A dor que jamais terminará”, “O palco da tragédia”, “A pior notícia”, “Os sobreviventes”, “Jovens voltaram para o socorro”, “Horror em nove passos”, “Pirotecnia que mata”, “Foi na hora do gaitaço, para produzir um efeito”, “As vítimas” e “Comoção mundial” e a contracapa, que fazem parte da maioria da porcentagem obtida, por serem consideradas relevantes, visto que, além de configurarem o momento que não

somente a cidade, mas o estado e o país estavam passando, trouxeram dados exclusivos e/ou importantes.

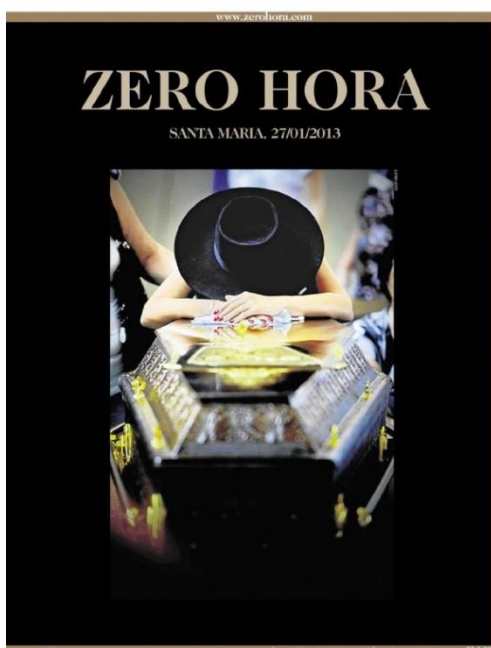
FIGURA 3 – Porcentagem das páginas



Fonte: Gabriela Zavarese dos Santos (2021)

A edição nº 17.278 do jornal Zero Hora conta com uma capa (FIGURA 4) “‘limpa’: sem poluição, porém, de [...] inquietações e silêncio” (REBONATTO, 2013, p. 21). O nome do jornal e da cidade, a data da tragédia e “uma fotografia sobreposta [...] [no] fundo preto que se repete também na contracapa” (REBONATTO, 2013, p. 21) foram capazes de comunicar que tal era a notícia de maior importância na edição.

FIGURA 4 – Capa do jornal Zero Hora



Fonte: Jornal Zero Hora (2013)

Para o desenvolvimento da análise da capa (FIGURA 4), realizou-se a leitura de diferentes recursos expressivos usados pelo jornal, sobretudo a imagem. Bakhtin (2011) diz que a imagem nos ajuda a compreender o mundo.

A conversão da imagem em símbolo a reveste de profundidade semântica. Correlação dialética entre identidade e não identidade. A imagem deve ser compreendida como o que ela é e significa. Através dos encadeamentos semânticos mediatizados, o conteúdo do símbolo autêntico está correlacionado com a ideia de totalidade mundial, com plenitude do universo cósmico e humano. O mundo tem um sentido. (BAKHTIN, 2011, p. 398)

É possível inferir que qualquer pessoa que tenha acesso ao jornal entenda a referência que a capa (FIGURA 4) faz por causa da foto de 15,06cm por 24,01cm, já que a mesma “provoca efeitos na mente do leitor” (REBONATTO, 2013, p. 21). “A fotografia é de uma linguagem universal que [...] informa e produz sentidos” (REBONATTO, 2013, p. 21). “O que a fotografia reproduz até o infinito só acontece uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente” (BARTHES, 1984, p. 12).

Através da análise empreendida, é possível dizer que o sensacionalismo do fato em questão feito, particularmente, pelo jornal Zero Hora, conduziu o seu leitor, no sentido de fazer com que o mesmo se sentisse envolvido. Essa afirmação é feita com base na capa (FIGURA 4), que “não apresenta elementos específicos sobre o incêndio” (REBONATTO, 2013, p. 23), mas “o que é consequência e sequência do acidente” (REBONATTO, 2013, p. 23), fazendo referência à morte e, ainda, a dor da perda de entes queridos e ao ritual fúnebre.

Parece adequado trabalhar sob a perspectiva dos valores-notícia citados por Wolf (2003) e detalhados por Traquina (2008). Na lista de Traquina (2008), “que bebe da fonte de inúmeros estudos anteriores” (NOVO, 2010, p. 137), ele, coincidentemente, cita a morte, que ocupa espaço privilegiado na “peneira manipulada diariamente” (NOVO, 2010, p. 137), em primeiro lugar como referencial importante para guiar o foco de jornais e jornalistas.

“A banalização da morte costumeiramente retratada pela mídia, tornando acontecimentos de comoção pública [...] em fatos mundanos, não diminui a ansiedade” (CARLET; CARNIELLI; CAMPANELLA, 2013, p. 5) que o receptor pode ter em suas próprias perdas ou enquanto observador da sociedade.

A morte pode vir de várias formas, podemos singularizar o evento em três possibilidades, sendo a primeira a perspectiva natural da morte [...] na velhice; em segundo, a morte anunciada por algum diagnóstico que decreta [o] seu término à chegada de uma doença [...] e, por último, a morte abrupta, quando ocorre por conta de acidentes ou tragédias. (CARLET; CARNIELLI; CAMPANELLA, 2013, p. 5)

Assim, a morte, que é tratada como um dos valores-notícia, quando é assunto com alta noticiabilidade, pode se transformar em notícia simplesmente por remeter-se a tal categoria, mais do que pelas qualidades que apresenta. “A morte, não importa se [...] esperada ou não, [...] quase sempre será notícia” (MOREIRA, 2006, p. 64). Logo, é um assunto que se torna, ele próprio, “praticamente [um dos] valores-notícia” (MOREIRA, 2006, p. 64).

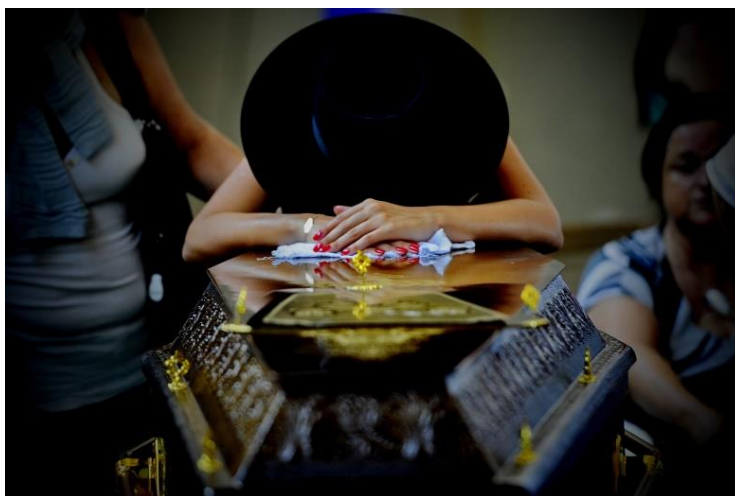
Observa-se que a cor de fundo manifesta o luto. “A utilização do preto como cor de luto [...] é uma tradição” (SOARES, 2020, p. 24-25). Os historiadores defendem que essa cultura remonta ao Império Romano, onde uma família com falecido usava uma toga *pulla*, que se trata de uma peça escura de roupa. “Jornais de costumes e manuais de etiqueta, muito comuns à época, traziam todas as recomendações a serem seguidas nesses momentos” (SCHMITT, 2009, p. 77). Com o tempo, “o preto foi ganhando terreno e passou a predominar como cor associada à morte e ao luto” (SOARES, 2020, p. 81).

O jornal Zero Hora foi premiado na categoria fotojornalismo da 10ª edição do Prêmio Líbero Badaró de Jornalismo, em São Paulo, em setembro de 2013. A foto vencedora, de Lauro Alves, repórter fotográfico da RBS TV, que estampou a capa (FIGURA 4) da primeira edição após a tragédia de Santa Maria, “foi extremamente importante” (MAGNANI, 2015, p. 35) na oportunidade, já que, além de retratar a dor de todos, principalmente dos gaúchos, “é ela que compõe a peça por inteiro” (MAGNANI, 2015, p. 35), criando um espaço visual cheio de significados, sem necessitar de recursos verbais, na página um.

Muitas vezes, devido às suas características imagéticas, [as fotografias] carregam toda a carga emocional e informativa de uma ação ou [um] fato qualquer, dispensando outro tipo de informação complementar. (SILVA, 1985, p. 120)

Na imagem original (FIGURA 5) fornecida pelo fotógrafo da própria, Yasmin Müller Alves, na época com 18 anos, que tinha ido à Boate Kiss para comemorar o seu aniversário, está sobre o caixão do namorado Lucas Dias de Oliveira, de 20 anos, morto no incêndio.

FIGURA 5 – Imagem original



Fonte: Lauro Alves (2013)

Durante o velório de Lucas, Yasmin debruçou-se sobre a caixa de madeira que acondicionava o corpo de seu companheiro para se despedir, enquanto usava o chapéu preto que havia sido comprado na Casa do Gaúcho, uma loja de produtos tradicionais do Rio Grande do Sul, onde o casal trabalhou e se conheceu. A foto dessa cena, que simbolizou o luto, foi capa da edição 2307, de seis de fevereiro de 2013, da revista Veja (FIGURA 6).

FIGURA 6 – Capa da revista Veja



Fonte: Revista Veja (2013)

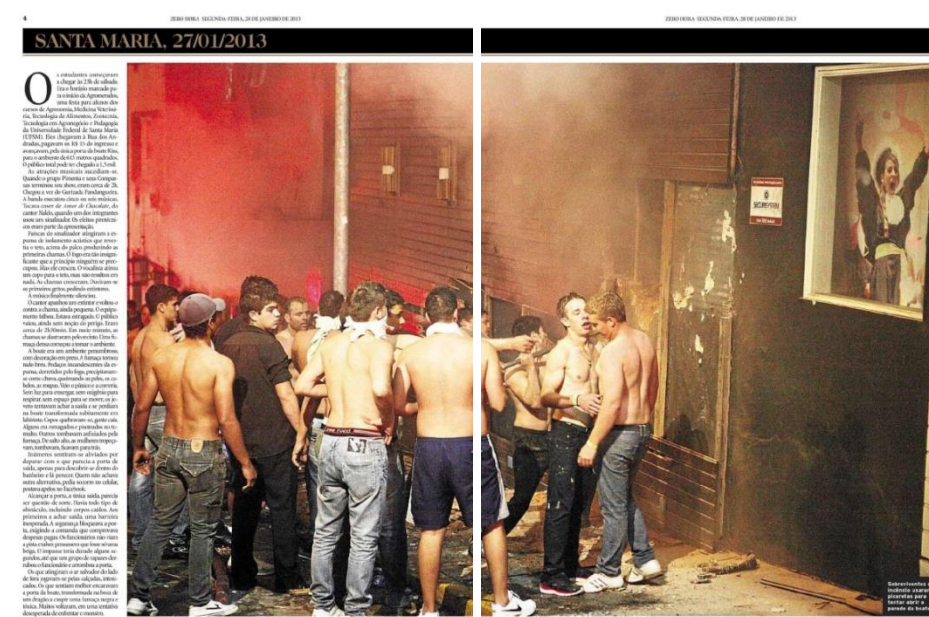
Tendo em vista que o chapéu faz parte da indumentária gaúcha, “a escolha pela publicação dessa foto é inteligente” (REBONATTO, 2013, p. 23) porque comunica, através do jornal Zero Hora e da revista Veja, que é o Rio

Grande do Sul e o Brasil que estão “em luto pelos mortos de Santa Maria” (REBONATTO, 2013, p. 23) e, em qualquer território, há “um pranto de dor” (ARBEX, 2018, p. 161).

Ao abrir a edição sem chamadas para matérias internas, encontra-se uma imagem que ocupa uma grande proporção nas páginas dois e três. Ela, que faz parte da coluna do jornalista David Wagener Coimbra, é complementada com o título “A dor que jamais terminará” e as duas primeiras palavras da frase estão diagramadas em um tamanho maior do que as outras. Um título “dramático [...] transponível por vias visuais [...] de forma a tornar-se ‘espetáculo’ e produzir efeitos sobre o público” (STALLONI, 2003, p. 48).

A matéria principal (FIGURAS 7 E 8), que também vem acompanhada de uma foto ampliada, traz o texto alinhado à esquerda da página quatro. As 79 linhas fazem alusão ao *lead*, que, no jornalismo, “expressa exatamente a função das primeiras linhas do texto de jornal: guiar o leitor, atraí-lo, em um processo bem próximo da sedução” (GARCIA, 1995, p. 31). Nele “são respondidos os seis elementos básicos da informação: o quê?, quem?, quando?, onde?, como? e por quê?” (CLEMENTE, 2005, p. 4), normalmente usados para contar toda a história de maneira breve.

FIGURAS 7 E 8 – Matéria principal do jornal Zero Hora



Fonte: Jornal Zero Hora (2013)

Considerando que a matéria principal (FIGURAS 7 E 8) contém a escrita em tamanho inferior ao da imagem e não está disponível para acesso na internet, foram feitas capturas de tela (FIGURAS 9, 10, 11 E 12), mais conhecidas como *prints*, com *zoom* para uma melhor leitura.

FIGURAS 9, 10, 11 E 12 – Capturas de tela

Os estudantes começaram a chegar às 23h de sábado. Era o horário marcado para o início da Agromerados, uma festa para alunos dos cursos de Agronomia, Medicina Veterinária, Tecnologia de Alimentos, Zootecnia, Tecnologia em Agronegócio e Pedagogia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Eles chegavam à Rua dos Andradas, pagavam os R\$ 15 do ingresso e avançavam, pela única porta da boate Kiss, para o ambiente de 615 metros quadrados. O público total pode ter chegado a 1,5 mil.

As atrações musicais sucediam-se. Quando o grupo Pimenta e seus Compar-sas terminou seu show, eram cerca de 2h. Chegou a vez do Gurizada Fandangueira. A banda executou cinco ou seis músicas.

Tocava cover de *Amor de Chocolate*, do cantor Naldo, quando um dos integrantes usou um sinalizador. Os efeitos pirotécnicos eram parte da apresentação.

Faíscas do sinalizador atingiram a espuma de isolamento acústico que revestia o teto, acima do palco, produzindo as primeiras chamas. O fogo era tão insignificante que a princípio ninguém se preocupou. Mas ele cresceu. O vocalista atirou um copo para o teto, mas não resultou em nada. As chamas cresceram. Ouviram-se os primeiros gritos, pedindo extintores.

A música finalmente silenciou.

O cantor apanhou um extintor e voltou-o contra a chama, ainda pequena. O equipamento falhou. Estava estragado. O público vaiou, ainda sem noção do perigo. Eram cerca de 2h30min. Em meio minuto, as chamas se alastraram pelo recinto. Uma fumaça densa começou a tomar o ambiente.

A boate era um ambiente penumbroso, com decoração em preto. A fumaça tornou tudo breu. Pedços incandescentes da espuma, derretidos pelo fogo, precipitavam-se como chuva, queimando as peles, os cabelos, as roupas. Veio o pânico e a correria.

Sem luz para enxergar, sem oxigênio para respirar, sem espaço para se mover, os jovens tentavam achar a saída e se perdiam na boate transformada subitamente em labirinto. Copos quebravam-se, gente caía. Alguns era esmagados e pisoteados no tumulto. Outros tombavam asfixiados pela fumaça. De salto alto, as mulheres tropeçavam, tombavam, ficavam para trás.

Inúmeros sentiram-se aliviados por deparar com o que parecia a porta de saída, apenas para descobrir-se dentro do banheiro e lá perecer. Quem não achava

outra alternativa, pedia socorro no celular, postava apelos no Facebook.

Alcançar a porta, a única saída, parecia ser questão de sorte. Havia todo tipo de obstáculo, incluindo corpos caídos. Aos primeiros a achar saída, uma barreira inesperada. A segurança bloqueava a porta, exigindo a comanda que comprovava despesas pagas. Os funcionários não viam a pista e talvez pensassem que fosse só uma briga. O impasse teria durado alguns segundos, até que um grupo de rapazes derubou o funcionário e arrombou a porta.

Os que atingiram o ar salvador do lado de fora jogavam-se pelas calçadas, intoxicados. Os que sentiam melhor encaravam a porta da boate, transformada na boca de um dragão a cuspir uma fumaça negra e tóxica. Muitos voltaram, em uma tentativa desesperada de enfrentar o monstro.

Fonte: Jornal Zero Hora (2013)

É visto, na matéria principal (FIGURAS 7 E 8), que o título da mesma é o nome da cidade e a data que ocorreu a tragédia. “Santa Maria, 27/01/2013” aparece com letras marrons sobre uma “faixa” preta, atinente ao luto, em outras 24 páginas da edição. Para os leitores, que na segunda-feira, 28 de janeiro de 2013, já estavam informados do que aconteceu na madrugada de domingo, 27 de janeiro de 2013, não foram necessárias frases explicativas que fizessem referências ao acontecimento.

A foto de Germano Rorato, *freelancer* do jornal Diário de Santa Maria, feita na noite do incêndio, enquanto os sobreviventes usavam picaretas para abrir a parede da boate, nas páginas quatro e cinco (FIGURAS 7 E 8), tem propriedade para “provocar um impacto com o apelo que é essencialmente visual” (REBONATTO, 2013, p. 23) e influenciar na decisão de ler.

Durante a pesquisa, observou-se que, com base em Barthes (1971), nas páginas quatro e cinco (FIGURAS 7 E 8) houve ocorrência dos fenômenos do *fait divers*, que são as causalidades e coincidências. No canto superior direito da foto, está uma imagem de formatura. “É forte [...] a dubiedade presente no registro fotográfico” (REBONATTO, 2013, p. 26), decorrente que, despropositadamente, faz referência à finalidade dos mais interessados da festa: os graduandos.

O registro, que traz a calamidade, um dos valores-notícia também citados e detalhados por Wolf (2003) e Traquina (2008), dramatiza o acontecimento, estabelecendo uma conexão com a realidade que representa.

Conforme Silva (2013), essa repetição é a característica da arte dramática, tornando-se um espetáculo e sendo responsável pela produção de efeitos no público espectador.

O Zero Hora dá continuidade na edição trazendo um infográfico, onde detalha, nas páginas seis e sete, “o palco da tragédia”, como intitulado, em sete estágios consecutivos. “A infografia [...] vem [...] como um importante recurso da linguagem jornalística” (LIMA, 2015, p. 1). Pablos (2009), explica o papel desse componente aplicado no jornalismo:

A infografia embeleza, mas esta não é [a] sua finalidade, [...] o importante é que [...] ela informa e, sobretudo, responde muito bem ao “como” da informação, coisa que, por escrito, é difícil, [...] [pois “o quê?, quem?, quando?, onde? e por quê?”] se pode explicar perfeitamente por texto, sem necessidade de apoio visual. (PABLOS, 2009, p. 2)

“A relevância da utilização da infografia também se revela quando pensamos em fatos [...] complexos que precisam ser comunicados e contextualizados” (LIMA, 2015, p. 1).

Ainda com o intuito de comunicar e contextualizar o seu leitor, o jornal Zero Hora listou, nas páginas 30 e 31, nove pontos que permeariam as investigações a cargo da Polícia Civil e do Corpo de Bombeiros. Neste material, é possível assimilar, de forma gradual, as questões básicas que permaneciam sem explicação, apesar de estarem claramente previstas em lei. “Horror em nove passos”, como nomeado pelo jornal, trouxe, de cada ponto listado, o que deveria ser investigado e, logo, o que dizia a legislação.

O objetivo do jornal, que “tem como característica a valorização do regional” (OLIVEIRA, 2013, p. 45), “era levar o máximo de informação checada aos leitores e ser um prestador de serviços” (OLIVEIRA, 2013, p. 45) e, para isso, “todas as editorias trabalharam juntas no episódio” (OLIVEIRA, 2013, p. 45) Kiss. “Trata-se de uma decisão calcada em diversos fatores, como a política editorial [...] do veículo” (OLIVEIRA, 2016, p. 269). Não havia muito controle quanto ao número de páginas da edição (SPARREMBERGER, 2013).

Também conhecido pela “sua preferência pelos temas locais e, ainda, pela ênfase nos traços que mais ligam esses assuntos ao Rio Grande do Sul” (CARDOSO; SIRENA; LINHARES, 2012, p. 11), o Zero Hora contou com 14 de seus principais colunistas em colunas específicas sobre a tragédia de Santa

Maria na edição. Os títulos, utilizados pelos próprios, se incorporam na ideia de Moreira (2013), que defende que uma notícia precisa ter um apelo para ser consumida pelo enunciatário. “É preciso que o leitor aceite o contrato da leitura proposto pelo jornal” (MOREIRA, 2013, p. 17) e, por isso, “o título é uma das principais armas utilizadas para essa ‘captura’” (MOREIRA, 2013, p. 17). Títulos como “A fila do calvário”, “A maior tragédia de nossas vidas”, “A pior notícia”, “A romaria dos parentes”, “Como se não houvesse amanhã”, “Fragmentos do que sobrou”, “Nós que temos filhos”, “O janeiro que o Brasil me perdeu”, “Oremos pelos mortos” e “Que não se repita” manifestam que “o destinador chama a atenção para as vítimas e [...] [conta] ao destinatário que o acontecimento atingiu [...] mesmo os que não estavam diretamente envolvidos” (MOREIRA, 2013, p. 42).

Benetti (2006) evidencia que “o dizer e o interpretar são movimentos de construção de sentidos e ambos são afetados por sistemas de significação” (OLIVEIRA, 2013, p. 76) com a cultura, a ideologia e a linguagem. O termo “formigueiro”, por exemplo, usado na página dez da edição, pelo colunista Humberto Muzell Trezzi, quando menciona que o Centro Desportivo Municipal de Santa Maria “parecia um formigueiro tomado por centenas de voluntários”, remete “não só a algo com grande movimento, mas também a organização” (OLIVEIRA, 2013, p. 76). Deduz-se, conseqüentemente, que, apesar da tristeza, “havia um sistema organizado que fazia com que tudo funcionasse” (OLIVEIRA, 2013, p. 76) no ginásio, conhecido popularmente como Farrezão, onde aconteceu o reconhecimento dos corpos de vítimas da tragédia. No entanto, que o “sistema de auxílio às famílias foi montado às pressas” (OLIVEIRA, 2013, p. 76). Quando o jornalista cita um “cenário de guerra” e, ainda na mesma coluna, informa o “vaivém desesperado que incluía o uivo da sirene das ambulâncias, a gritaria de policiais e o entra e sai de agentes funerários, trazendo mais cadáveres” confirma “a situação de emergência” (OLIVEIRA, 2013, p. 76) e o imprevisto e reforça “o [...] [panorama] de horror” (OLIVEIRA, 2013, p. 76) da “segunda maior tragédia envolvendo incêndios” (MARTINS; BARBOSA, 2016, p. 1) do país e da “terceira mais significativa [...] no quesito casa noturna” (MARTINS; BARBOSA, 2016, p. 1-2) do mundo que

escolheu, como palco, a cidade universitária que, de acordo com a última estimativa da população, com data de referência em um de julho de 2020, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, é a 5ª cidade mais populosa do Rio Grande do Sul e, isoladamente, a maior de sua região.

“A comoção foi causada por meio da história dos mortos e de suas famílias” (OLIVEIRA; ETGES, 2014, p. 13) na maior parte da edição. “Os sobreviventes” é o título que, em realce, ganha espaço na página 18. “Quem vivenciou a experiência até o final não sobreviveu para contar” (MOTTA; AMARAL, 2016, p. 79), portanto, “os sobreviventes são considerados pseudotestemunhas que falam como porta-vozes dos mortos” (MOTTA; AMARAL, 2016, p. 79). Ainda na página 18, mais especificamente na metade inferior da mesma, o jornal oferece, ao seu leitor, um registro feito durante o dia de domingo, 27 de janeiro de 2013, na fachada frontal/principal da boate, seguida de uma legenda que descreve o agrupamento desordenado de pessoas se empurrando mutuamente que dificultou a saída dos que deixaram um rastro de sapatos pelo caminho. Na metade superior da página 19, que cita os sobreviventes que “voltaram para o socorro”, como descrito na própria publicação, é posto à disposição uma foto retratada na madrugada, a fio da tragédia, enquanto os sobreviventes se uniam aos bombeiros na tentativa de derrubar as paredes para uma possível retirada de frequentadores que permaneciam trancados no interior da estrutura. O Grupo RBS, consternado com o ocorrido em Santa Maria, emitiu, no canto inferior direito da então página 19, um comunicado que, acompanhando o período de luto oficial decretado pelo governo do Estado do Rio Grande do Sul, em respeito à memória das vítimas e solidariedade aos seus familiares/amigos, o mesmo suspenderia, nos próximos sete dias, todos os eventos que seriam por ele ou por intermédio de seus veículos realizados, incluindo o Planeta Atlântida, que é o maior festival de música do sul do país.

Na página 32 da edição, o jornal traz, com o nome “Pirotecnia que mata”, uma lista com os grandes incêndios da história e, logo em seguida, na página 33, uma entrevista exclusiva com o guitarrista, Rodrigo Lemos Martins, da banda Gurizada Fandangueira, onde ele comentou a tragédia e lamentou a

morte do gaiteiro Danilo Brauner Jaques, integrante do grupo que, segundo o seu irmão mais novo, Bruno Brauner Jaques, saiu do palco com a gaita e foi encontrado abraçado no instrumento da empresa Pampiana.

Outra exclusividade do jornal Zero Hora foi o primeiro caderno oficial de vítimas nas páginas 36, 37, 38 e 39 da edição. A lista, composta a partir de informações divulgadas pela Secretaria da Segurança Pública até à 1h de 28 de janeiro de 2013, trouxe 232 nomes de vítimas da tragédia.

Para reafirmar a comoção mundial e a dimensão da tragédia, o jornal traz, na página 45, as repercussões na mídia internacional. Sites como Cable News Network, Der Spiegel, Diario Clarín, El País, The Guardian, The New York Times e The Telegraph entregaram, com destaque, galerias de fotos e convites à participação dos leitores.

Ainda que o jornalismo tenha regras globais, [...] pode-se afirmar que o material publicado [...] em veículos de comunicação internacionais [...] foram produzidos sob uma perspectiva regional dentro de um processo global. Se de um lado o discurso era regional, [...] produzido por atores envolvidos com o acontecimento, uma vez que é bastante provável a proximidade com as vítimas, de outro, ele era global, pois era apurado e elaborado com base nas premissas do jornalismo e de seus critérios de noticiabilidade. (OLIVEIRA, 2016, p. 273)

Oito dos colunistas, que fazem parte das páginas da edição analisada do jornal Zero Hora, também aparecem na contracapa. As frases “Caminhei pelos corredores macabros formados pelos corpos”, “A morte de um filho é um milhão de vezes mais insuportável que a nossa”, “Mais de 200 jovens sem o último beijo da mãe, do pai, dos irmãos”, “Sala do Desespero, assim foi apelidado o local onde os corpos eram depositados”, “Foi-se mesmo o mundo de tanta gente em Santa Maria”, “Para que o drama não se repita, é preciso fiscalização rigorosa”, “Quem não tem filhos sofre, quem tem se arrebenta” e “Morreu gente universitária, o futuro da nação” são trechos das colunas dos mesmos e aparecem nas partes superior e inferior da página 56. Ainda sobre a última página, outra foto, por sua vez, centralizada entre os excertos citados, de Germano Rorato, que “apertou o botão disparador de sua câmera fotográfica no exato momento em que uma pessoa corria com um estudante desmaiado no colo” (REBONATTO, 2013, p. 33) e mais pessoas corriam em torno deles, já “ao fundo, é possível visualizar carros de bombeiros e [...] [a

movimentação] em frente à boate” (REBONATTO, 2013, p. 33). Barthes (1984) diz que uma fotografia registra tudo o que aconteceu fazendo do momento passado uma realidade no momento presente, “sobrepondo-se ao poder da representação em que não é possível acrescentar nada a ela” (REBONATTO, 2013, p. 34). Para o autor, a fotografia também é violenta, pois nada pode recusar-se ou transformar-se. O Zero Hora “faz uma análise de seu próprio *corpus* ao publicar a fotografia” (REBONATTO, 2013, p. 34) que, assim como denomina Barthes ao falar do assunto, é chocante porque é crua. A mesma “sugere a representação dos apuros do momento e a ação humana impulsiva” (REBONATTO, 2013, p. 34) e assusta “porque o olhar é direcionado de imediato para este ponto da fotografia, já que o fotógrafo o centralizou e em torno enquadrou outras pessoas correndo” (REBONATTO, 2013, p. 34) supostamente em função dos dois homens. “A imagem é crua e choca [...] [porque mostra] o desespero humano” (REBONATTO, 2013, p. 34). Além das “tais chamadas que convocam o leitor” (DALMONTE, 2010, p. 228) e do registro que “também sensibiliza” (REBONATTO, 2013, p. 35), o jornal Zero Hora traz, em quatro linhas, o resumo do, como definido pelo próprio, “incêndio [...] que mergulhou o Rio Grande do Sul na pior tragédia de sua história”.

O quadro (FIGURA 1), de Moreira (2006), contém elementos presentes na capa (FIGURA 4), na matéria principal (FIGURAS 7 E 8) e nas outras 43 páginas da edição analisada do jornal Zero Hora. A atualidade e o ineditismo também aparecem como “novidade” na literatura. A atualidade “está ligada ao fator tempo, indicando que a notícia é recente” (MOREIRA, 2006, p. 101). O ineditismo “indica que a notícia ainda não foi publicada em veículo algum” (MOREIRA, 2006, p. 101) e poderia não se encaixar no recorte selecionado, porém, no caso da notícia já dada, mas que agregava uma informação nova, foi considerada inédita. O valor importância “pode ser decomposto em outros subvalores indicativos de relevância do fato” (MOREIRA, 2006, p. 101), podendo revelar-se por: consequências; amplitude e/ou impacto junto ao leitor; intensidade ou gravidade, “expressa por altas ou baixas quantidades [...], como a [...] de pessoas” (MOREIRA, 2006, p. 101) envolvidas e pela utilidade ou prestação de serviço. A emoção/dramaticidade e o suspense são

“relativamente próximos [...], conferindo impacto às chamadas” (MOREIRA, 2006, p. 102) e aparecem, geralmente, “em títulos mais criativos do que informativos” (MOREIRA, 2006, p. 102). O incomum/insólito/singular, indica “fatos diferentes, fora do ‘padrão’ esperado” (MOREIRA, 2006, p. 103) e a imprevisibilidade, o inesperado e a surpresa referem-se a fatos infrequentes, “principalmente acidentes e outras perturbações” (MOREIRA, 2006, p. 103) naturais/sociais. No estudo de Moreira (2006), a negatividade pode manifestar-se pela infração/ilegalidade, falha/anormalidade e violência. “Assuntos como a morte, se enquadram diretamente em ‘negatividade’, mas não em ‘violência’” (MOREIRA, 2006, p. 104), portanto, na análise em questão, a violência não se faz presente. A proximidade, geográfica ou cultural. O interesse público/social, notícias que “mostram a face de um jornalismo que não apenas informa, mas também ‘forma’ o cidadão” (MOREIRA, 2006, p. 105).

“Seria ingenuidade não pensar a audiência que os veículos teriam com a pauta” (REBONATTO, 2013, p. 39) do 27 de janeiro de 2013 e, por isso, afirma-se “que as notícias são informações mercadológicas com apelos atrativos ao público” (REBONATTO, 2013, p. 39). Moreira (2013) profere que o enunciador trabalha com efeitos para envolver o enunciatário, assim, “os acontecimentos são realidades construídas muito mais do que retratadas” (REBONATTO, 2013, p. 39). Uma notícia é caracterizada como sendo a espetacularização a partir da “forma como os veículos agem ao divulgar os acontecimentos” (REBONATTO, 2013, p. 39).

Por mais poderoso que seja um acontecimento, ele precisa passar [...] [mediante] alguma mediatização para ser compreendido. Ao fazer isso, é transformado. Enquadrado pelos relatos, [...] é transportado e preservado. Rompe as fronteiras, dá a volta ao mundo e sobrevive ao tempo. O enquadramento cria uma moldura que, se por um lado, enfraquece a experiência, por outro, a guarda para além do tempo e [do] espaço. (VAZ; FRANÇA, 2010, p. 19)

O sensacionalismo desenvolvido pelo jornal Zero Hora, na edição analisada, revela “a produção de espetáculos com intenções persuasivas que estão além da simples prática narrativa” (REBONATTO, 2013, p. 39). Na capa (FIGURA 4), na matéria principal (FIGURAS 7 E 8) e nas demais páginas, a notícia aparece espetacularizada, visto que, como estabelece Debord (1997), funciona como um modo de atração. A notícia atrai pela técnica com que o

texto foi construído e pelas cores escolhidas e imagens preferidas. Levando em consideração que “o modo de produção econômico vivido no Brasil é o capitalista, pode se deduzir que o Zero Hora utilizou de tais elementos para disputar a atenção do público” (REBONATTO, 2013, p. 41) tendo ao redor à concorrência de outros veículos.

A tragédia de Santa Maria foi midiaticizada de maneira que “aos consumidores de notícia foi representada - e não apresentada - [...] possivelmente com a intenção não só de informar, mas de formar um posicionamento” (REBONATTO, 2013, p. 41) similar “ao do veículo presente implicitamente nas publicações” (REBONATTO, 2013, p. 41).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática jornalística de produção de notícias configura-se em uma realidade seletiva. Essa afirmação é feita “pelo fato de que as informações noticiosas, quando transformadas em mercadoria de um veículo de comunicação, partem de um pressuposto de seleção” (REBONATTO, 2013, p. 39) a cerca de particularidades “que interessam ao veículo e, claro, sobre a perspectiva do jornalista que é testemunha [...] dos fatos que mediatiza” (REBONATTO, 2013, p. 39).

A responsabilidade do jornalista é ter tempo para apurar as informações e só informar quando julgar esgotadas todas as possibilidades de apuração. Em uma situação de tragédia, a realidade se afasta do ideal. Não significa, todavia, que as rotinas produtivas e o enquadramento das notícias possam abdicar dos preceitos jornalísticos determinados. Ao constatar um acontecimento, o profissional de imprensa, imediatamente, já atribui valor ou não a partir de uma classificação de valores.

No caso deste objeto de estudo, percebe-se, na tabela (FIGURA 13), que os valores-notícia, de acordo com a tabela-síntese (FIGURA 1), utilizada como categorias de análise, de Moreira (2006), presentes na capa (FIGURA 4) e na matéria principal (FIGURAS 7 E 8) da edição nº 17.278, ano 49, de segunda-feira, 28 de janeiro de 2013, do jornal Zero Hora, fazem parte de 14 dos 20 subvalores que ela agrupou em “interesse”, nas categorias importância, excepcionalidade e negativismo. Moreira (2006) elegeu cores para dividir os elementos dessas categorias em sua tabela (FIGURA 1), portanto, na tabela (FIGURA 13) obtida nesta pesquisa, com o intuito de relacionar a capa (FIGURA 4) e a matéria principal (FIGURAS 7 E 8) com os valores-notícia, as cores escolhidas pela mesma permaneceram, para que, quando uma comparada com a outra, fique mais clara e objetiva a compreensão. Vale sublinhar que a cor rosa, que aparece em “política editorial”, no topo da tabela (FIGURA 1) de Moreira (2006), também aparece no sombreamento das palavras “capa” e “matéria principal” da tabela (FIGURA 13) para fins ilustrativos.

FIGURA 13 – Relação com os valores-notícia

MATÉRIA PRINCIPAL	CAPA
ATUALIDADE/INEDITISMO	ATUALIDADE/INEDITISMO
CONSEQUÊNCIAS	CONSEQUÊNCIAS
AMPLITUDE/IMPACTO	AMPLITUDE/IMPACTO
INTENSIDADE/GRAVIDADE	INTENSIDADE/GRAVIDADE
UTILIDADE/SERVIÇO	UTILIDADE/SERVIÇO
EMOÇÃO/DRAMATICIDADE	EMOÇÃO/DRAMATICIDADE
SUSPENSE	SUSPENSE
INCOMUM/INSÓLITO/SINGULAR	INCOMUM/INSÓLITO/SINGULAR
IMPREVISIBILIDADE/INESPERADO /SURPRESA	IMPREVISIBILIDADE/INESPERADO /SURPRESA
INFRAÇÃO/ILEGALIDADE	INFRAÇÃO/ILEGALIDADE
NEGATIVIDADE	NEGATIVIDADE
FALHA/ANORMALIDADE	FALHA/ANORMALIDADE
PROXIMIDADE	PROXIMIDADE
INTERESSE PÚBLICO/SOCIAL	INTERESSE PÚBLICO/SOCIAL

Fonte: Gabriela Zavarese dos Santos (2021)

Ao analisar separadamente e a partir da tabela (FIGURA 13), pode-se considerar, evidenciando pelos próprios valores-notícia, a correlação entre a capa (FIGURA 4) e a matéria principal (FIGURAS 7 E 8). Com essa coerência/conexão, a capa traz justamente a matéria principal, o que caracteriza um profissionalismo técnico do veículo.

O que aconteceu, na madrugada de 27 de janeiro de 2013, no centro do estado mais meridional do país, é considerado impressionante pelo número de pessoas envolvidas no fato e também afetadas por ele. O tamanho destaque dado pelo Zero Hora, nas páginas da edição impressa observada, é atribuído à proximidade geográfica, visto que o jornal, assim como o município conhecido como “o coração do estado”, é gaúcho.

“Em qualquer área do conhecimento, a teoria orienta [...], mas quando vista pelo viés da prática é que ela se complementa” (OLIVEIRA; ETGES, 2014, p. 12). O sentido de aproximação e pertencimento, do jornal Zero Hora, com o seu leitor, foi reforçado através de sua edição nº 17.278. Ele confirmou a identidade e mostrou, sutilmente, a agilidade e a eficiência com que tudo foi providenciado.

À medida que a mídia apropria-se de uma temática e a constrói seletivamente, introduz a própria intenção mesmo que esta não esteja à mostra. O veículo, que age de modo a se caracterizar como um palco, traz, para o debate, questões além da retratação dos fatos. Ele determina, ao longo de suas páginas, o que deve ser averiguado e cobrado. Através dos elementos que o mesmo utiliza, tem o público como o seu aliado. Pode-se dizer, assim, que o tipo de comunicação em discussão configura-se como uma instituição que difunde e influencia os mais variados campos de toda a sociedade.

O jornalismo tem “a tarefa de superar as barreiras da comunicação [...] e vincular as diferentes formas de conhecimento” (KUNCZIK, 1997, p. 102). Kunczik (1997, p. 102) diz que o significado global dele “se introduz também no conceito de divulgação de conhecimento, que é a vinculação de depósito de conhecimento teórico com as diferentes esferas da sociedade onde se pode colocá-lo em prática”. Por isso, Beltrão (1992, p. 65) o classifica a título de “uma atividade essencial à vida das coletividades, como uma instituição social que, no mundo moderno, assume posição da mais alta relevância”. Fazer jornalismo, preliminarmente, é disponibilizar informação.

Finalmente, no decorrer da análise, percebe-se o impacto emocional que a tragédia causara não apenas na sociedade, mas também na imprensa como um todo. É apropriado dizer que a comoção generalizada foi criada pelo jornal Zero Hora. O enternecimento, exposto na capa (FIGURA 4) e na matéria principal (FIGURAS 7 E 8), foi causado, como já citado na presente pesquisa, pela história dos mortos e de suas famílias. “Eles ganharam voz, enquanto os vivos foram silenciados” (OLIVEIRA; ETGES, 2014, p. 13).

Ainda, é preciso considerar que, embora a teoria sugira que o bom jornalismo é aquele objetivo, ele é feito por pessoas, logo, por terem esta condição humana, se contagiam com a circunstância em que estão inseridos.

No jornalismo que exerce um papel crucial na sociedade, determinando o que o público deve ou não saber, “há um núcleo básico de valores-notícia que independem da organização jornalística” (MOREIRA, 2006, p. 3).

Assinala-se, por sua importância, que há um número gradativo de textos brasileiros, aqui não utilizados, sobre os valores-notícia e, mesmo antes da introdução desse conceito no Brasil, inúmeros estudiosos já haviam escrito sobre as “características” das notícias.

O presente material deixa margem para outras pesquisas em Comunicação Social que poderão, por exemplo, analisar as coberturas, valorizando a cobertura jornalística e a cobertura jornalística de tragédias e/ou estudar assuntos referentes à Boate Kiss, atendendo a necessidade da construção da memória do pior desastre provocado pelo homem na história recente. Espera-se que a análise, de que se fala, contribua para o fortalecimento das próximas.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Leonel Azevedo de. Critérios de noticiabilidade no jornalismo investigativo: um estudo preliminar. In: **Intercom-Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação-UnB.**
- AGUIAR, Leonel Azevedo de. Os valores-notícia como efeitos de verdade na ordem do discurso jornalístico. 2007.
- AMARAL, Luiz. **Jornalismo: matéria de primeira página.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.
- AMARAL, Márcia Franz. **A representação dos testemunhos no discurso das catástrofes ambientais: de sujeitos sociais a sujeitos discursivos.** Unisinos, Porto Alegre, 2013.
- AMARAL, Márcia Franz. Fontes testemunhais, autorizadas e experts na construção jornalística das catástrofes. **LÍBERO**, n. 36, p. 43-54, 2016.
- ARBEX, Daniela. **Todo dia a mesma noite:** a história não contada da Boate Kiss. 1. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.
- ARCOVERDE, Marcela Rochetti. Bandidos na TV: a morte pela audiência. In: **Anais 42º Congresso de ciências da comunicação, Belém.** 2019.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 13860:** Glossário de Termos Relacionados com a Segurança Contra Incêndio. Rio de Janeiro, 1997.
- AZEVEDO, Anna Carolina Ulandovski; MARTINS, Maura Oliveira. A tragédia jornalística: análise de estratégias discursivas em eventos potencialmente trágicos que não respondem ao critério “quantidade de mortes”.

BAKHTI, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BARTHES, Roland. A câmera clara: nota sobre fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BARTHES, Roland. Ensaio Críticos. Lisboa: Edições 70, 1971.

BELTRÃO, Luiz. Iniciação à filosofia do jornalismo. São Paulo: Com-Arte, 1992.

BENETTI, Márcia. Jornalismo e perspectivas de enunciação: uma abordagem metodológica. **Intexto: uma revista do mestrado da comunicação UFRGS. Vol. 1, n. 14 (jan./jun. 2006), p. 1-11**, 2006.

CAMÕES, Luís Vaz de. Rimas. 2. ed. Lisboa, 1598. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasraras/or19415/or19415.pdf>. Acesso em: 29/08/2021.

CARDOSO, Everton; SIRENA, Mariana; LINHARES, Bruna. Notoriedade, proximidade e atualidade como parâmetros de seleção: um estudo do caderno Cultura de Zero Hora (Porto Alegre, 2012).

CARLET, Fernanda; CARNIELLI, Fiorenza; CAMPANELLA, Lana. O Agendamento da Zero Hora (ZH) sobre o Incêndio na Boate Kiss: um olhar sob a perspectiva cognitiva quanto aos aspectos emocionais.

CASADEI, Eliza Bachega. **Como contar os fatos**: a história da narrativa do jornalismo de revista do século XX. São Paulo: Alameda, 2014.

CLEMENTE, Tatiany Araújo. A função do *lead* no jornalismo impresso atual. 2005.

DALMONTE, Edson. Narrativa jornalística e narrativas sociais: Questões acerca da representação da realidade e regimes de visibilidade. 2010.

DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DIAS, Anelise Schütz. Incêndio na boate Kiss: o papel da TV Santa Maria na cobertura da tragédia. Anais do Intercom Júnior, no DT Comunicação, Espaço e Cidadania do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

DUARTE, Ângela Filipa Alves. Jornalismo de proximidade: o papel informativo da imprensa local. In: Seminário de Questões Contemporâneas do Jornalismo. Portugal: Universidade Nova Lisboa, 2010.

EMERIM, Cárlida; BRASIL, Antônio. Coberturas em Telejornalismo. Anais do XXXIV Congresso Nacional de Sociedade Interamericana de Estudos de Comunicação-Intercom, 2011.

ERICSON, Richard; BARANEK, Patricia; CHAN, Janet. Visualizing Deviance: A Study of News Organization. Toronto: University of Toronto Press, 1987.

FEITOZA, Liliane do Nascimento Santos. Valores-notícia e Critérios de Noticiabilidade: Uma Proposta de Separação Prática dos Termos. São Cristóvão, 2015.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa da. Análise de conteúdo. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

GALTUNG, Johan; RUGE, Mari Holmboe. A estrutura do noticiário estrangeiro. A apresentação das crises do Congo, Cuba e Chipre em quatro jornais estrangeiros. **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, p. 61-73, 1993.

GALTUNG, Johan; RUGE, Mari Holmboe. **The structure of foreign news**: the presentation of the Congo, Cuba and Cyprus crises in four Norwegian newspapers. *Journal of International Peace Research*, n. 1, 1965.

GANS, Herbert. **Deciding what's news: A study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek and Time**. Evanston: Northwestern University Press, 2004.

GANS, Hebert. **Deciding what's news**. New York: Pantheon Books, 1979.

GARCIA, Luiz. *Manual de redação e estilo*. 22. ed. São Paulo: Globo, 1995.

GOLDING, Peter; ELLIOTT, Philip. **Making the news**. London: Longman, 1979.

KUNCZIK, Michael. *Conceitos de jornalismo: norte e sul*. São Paulo: Edusp, 1997.

MARTINS, Rosangela Gonçalves; BARBOSA, Alexandre. Tragédia da Boate Kiss: o Papel das Redes Sociais na Cobertura Jornalística do Programa Fantástico, da Rede Globo de Televisão¹. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Intercom. Anais. São Paulo**. 2016. p. 1-15.

MOTTA, Juliana; AMARAL, Márcia Franz. Os testemunhos na cobertura jornalística do caso Kiss: transbordamento emocional e provas de verdade. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v.13, n. 1, p. 77-88, 2016.

NOVO, Gustavo Cunha. *A nova cara do velho tabloide: valores-notícia nos jornais populares*. 2010.

HARCUP, Tony; O'NEILL, Deirdre. What is News? News values revisited (again). *Journalism Studies*, v. 18, n. 12, p. 1470-1488, 2017.

HARTLEY, John. **Understanding News**. London and New York: Routledge, 1982.

HENN, Ronaldo. Pauta e notícia: uma abordagem semiótica. Canoas: Ulbra, 1996.

HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. Análise de conteúdo em jornalismo. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <https://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_de_Populacao/Estimativas_2020/POP2020_20210331.pdf>. Acesso em: 25/06/2021.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Mesorregião**. Divisão Territorial Brasileira – DTB 2020. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/santa-maria/panorama>>. Acesso em: 25/06/2021.

ILHARCO, Fernando. A catarse do fogo: a simbologia do fogo nos ecrãs da televisão. **Comunicação & Cultura**, v. 5, p. 139-153, 2008.

JOHELAVICIUS, Liliane. Cobertura de tragédias com fogo no Jornal Folha de S. Paulo. 2019.

JÚNIOR, Danton Boatini. “A gaita era tudo para ele”, diz irmão de músico. **Correio do Povo**. Santa Maria, 2013. Disponível em: <<https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/geral/a-gaita-era-tudo-para-ele-diz-irm%C3%A3o-de-m%C3%BAsico-1.110487>>. Acesso em: 25/06/2021.

LEAL, Bruno; LAGE, Igor. A retórica testemunhal em narrativas da Trip, Tpm e Rolling Stone. UFMG, 2015.

LIMA, Ricardo Oliveira da Cunha. O que é infografia jornalística? **InfoDesign-Revista Brasileira de Design da Informação**, v. 12, n. 1, p. 111-127, 2015.

LONDERO, Vitória Faturi. A tragédia da Boate Kiss: os enquadramentos jornalísticos em Zero Hora, Folha de S. Paulo, La Nación e The New York Times. 2016.

LOPES, Rodrigo. O trabalho de ZH, via redação em Porto Alegre, na cobertura do incêndio na Boate Kiss. Entrevistadora: V. C. Oliveira, 2013. 1 arquivo de áudio digital (40 minutos). Entrevista concedida à pesquisa As vozes e a construção de sentidos: uma análise do discurso dos jornais Zero Hora e Diário de Santa Maria na cobertura do incêndio na Boate Kiss.

LOZANO ASCENCIO, Carlos. Aportaciones para una historia del acontecer catastrófico. In: **II Congreso Ibérico Ciencias de la Comunicación, Lisbon**, 2004.

LOZANO ASCENCIO, Carlos. *La expression/representación de catástrofes a través de su divulgación científica em los medios de comunicacion social*. Tese (Doutorado na Facultad de Ciencias de la Informacion) – Universidad Complutense de Madri, 1995.

LOZANO, José Carlos. *Hacia la reconsideración del análisis de contenido en la investigación de los mensajes comunicacionales*. **Investigar la comunicación: propuestas ibero-americanas**, p. 135-157, 1994.

MAGNANI, Vanessa. A construção das capas de jornais impressos em momentos de tragédia: o caso da boate Kiss. Porto Alegre, 2015.

MOREIRA, Deodoro. 11 de setembro de 2001: Construção de uma Catástrofe nas Primeiras Páginas de Jornais Impressos. 2013. Dissertação de Mestrado.

MOREIRA, Fabiane Barbora. Os valores-notícia no jornalismo impresso: análise das 'características substantivas' das notícias nos jornais Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo e O Globo. 2006.

MORETZSOHN, Sylvia Debossan. Noticiar a dor: possibilidades e dificuldades do jornalismo na tragédia de Santa Maria. Reporting pain: possibilities and difficulties of journalism in the tragedy of Santa Maria.

MOTTA, Juliana; RUBLESCKI, Anelise. Cobertura ao vivo em televisão: o imprevisto e o testemunho em situações de tragédia. **V Seminário Internacional de Pesquisa em Comunicação-Sipecom**, p. 1-15, 2013.

OLIVEIRA, Juliana Motta de et al. Os testemunhos na cobertura ao vivo do incêndio da Boate Kiss. 2016.

OLIVEIRA, Vanessa. Incêndio na Boate Kiss em Santa Maria: a cobertura jornalística regional e global. **Parágrafo**, v. 4, n. 2, p. 267-273, 2016.

OLIVEIRA, Vanessa Costa de. As vozes e a construção de sentidos: uma análise do discurso dos jornais Zero Hora e Diário de Santa Maria na cobertura do incêndio na Boate Kiss. 2013.

OLIVEIRA, Vanessa Costa de; ETGES, Hélio Afonso. As vozes e a construção de sentido no jornal Zero Hora na cobertura do incêndio da Boate Kiss. 2014.

PABLOS, José Manuel de. Infoperiodismo: el periodista como creador de infografía. Madrid: Editorial Síntesis, 1999.

PENA, Felipe. A Teoria do Jornalismo no Brasil—após 1950—. **São Paulo: Contexto**, 2005.

PENA, Felipe. Teoria do Jornalismo. São Paulo: Contexto, 2013.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. A Apuração da Notícia: métodos de investigação na imprensa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

PERES, Ana Cláudia. Narrar o outro: notas sobre a centralidade do testemunho para as narrativas jornalísticas. **Galáxia (São Paulo)**, n. 31, p. 92-104, 2016.

PEUCER, Tobias. Os relatos jornalísticos. Estudos em Jornalismo e Mídia, v. 1, n. 2, p. 13-30, 2º semestre de 2004.

POSNER, Richard. *Catastrophe: Risk and Response*. USA: Oxford University Press, 2004.

QUÉRÉ, Louis. Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. **Trajectos, Lisboa**, v. 6, n. 6, p. 59-76, 2005.

REBONATTO, Vera Lucia. A mediação da tragédia na Boate Kiss em capas do Jornal Zero Hora. 2014.

RICOEUR, Paul. L'écriture de l'histoire et la représentation du passé. Annales HSS, Paris, n.4, p. 731-747, juil./août. 2000.

RIO GRANDE DO SUL. Ministério Público. Promotorias de Justiça de Santa Maria. Inquérito Policial 027/2.13.0000696-7. Denúncia. Santa Maria, 2 de Abril de 2013. Disponível em:
<<https://www.mprs.mp.br/media/areas/principal/arquivos/denunciakissfinal.pdf>>. Acesso em: 25/06/2021.

RODRIGUES, Ana Inês Silva. **Do “valor-notícia” ao “valor-audiência”: o portal MSN Portugal**. 2017. Tese de Doutorado.

ROSINHA, Raul C. Política editorial: aspectos a considerar. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 17, n. 2, p. 249-258, 1989.

SANTOS, Gabriela Zavarese dos. Infográfico: porcentagens da página da edição nº 17.278 do jornal Zero Hora. Viamão, 2021. Disponível em: <<https://infogram.com/untitled-infographic-1h7g6k0mnwr302o>>. Acesso em: 30/06/2021.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: HUCITEC, 1997.

SANTOS, Volnei Edson dos. O trágico e seus rastros. Londrina: Editora UEL, 2002.

SCHMITT, J. (2009). A dor manifesta: vestuário de luto no século XIX, *dObras*, revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda, v. 3, n. 5, p. 76-80.

SCHMITZ, Aldo. **Fontes de notícias: ações e estratégias das fontes no jornalismo**. Combook, 2011.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. **Psicologia clínica**, v. 20, p. 65-82, 2008.

SERELLE, M. Jornalismo e guinada subjetiva. Estudos em jornalismo e mídia. Florianópolis, v. 6, n. 2, p. 33-44, 2009.

SERRA, J. Paulo. Cataclismos e catástrofes: reflexões acerca da relação entre sistema político e sistema mediático. **E POLÍTICA**, p. 68, 2005.

SILVA, Filipa Duarte Ferreira da. **Arquitectura e cenografia: o espaço cénico na construção de um ambiente**. 2013. Dissertação de Mestrado.

SILVA, Rafael Souza. **Diagramação**: o planejamento visual gráfico na comunicação impressa. 6. ed. São Paulo: Summus, 1985.

SILVEIRA, Ada Cristina Machado da. **Midiatização da tragédia de Santa Maria**: a catástrofe biopolítica. Santa Maria, v. 1, 2017.

SILVEIRA, Ada C. Machado da. SCHWARTZ, Clarissa. Midiatização da tragédia de Santa Maria: a construção de relatos em meio ao caos. Santa Maria, v. 2, 2017.

SOARES, Ana Paula Nunes. **As cores do luto**. 2020. Tese de Doutorado.

SPARREMBERGER, Fabiana. A cobertura do Diário de Santa Maria no episódio do incêndio da Boate Kiss.

STALLONI, Yves. **Os gêneros literários**. A comédia, o drama, a tragédia. O romance, a novela, os contos. A poesia. Rio de Janeiro: DIFEL, 2003.

TRAQUINA, Nelson. **A cultura noticiosa**. In: O que é jornalismo. Lisboa: Quimera, 2002.

TRAQUINA, Nelson. **O Estudo do Jornalismo no Século XX**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002.

TRAQUINA, Nelson. O que é jornalismo. Lisboa: Quimera Editores Lda, 2007.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2005.

TRAQUINA, Nelson. Teorias do jornalismo: a tribo jornalística. **Uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, v. 2, p. 137-153, 2008.

VAZ, Paulo Bernardo Ferreira; FRANÇA, Renné Oliveira. **Tragédia enquadrada: o terremoto do Haiti em capas de revistas**. Apresentado na SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo VIII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (Universidade Federal do Maranhão, São Luís), 2010.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. 1. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1987.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. 3. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1994.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. 10. ed. Lisboa: Editorial Presença, 2009.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Presença, 2003.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. Trad. Karina Jannini. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

ZERO HORA. Porto Alegre, ed. 17.278, 28 de janeiro de 2013, ano 49.

e a estudantes começaram a fazer às 22h de sábado. Já o horário marcado para o início da Agremiação foi às 23h, uma festa para alunos dos cursos de Agronomia, Medicina Veterinária, Tecnologia de Alimentos, Zootecnia, Tecnologia em Agropecuária e Pedagogia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Eles chegaram à Rua dos Andaraes, pagaram os R\$ 15 de ingresso e começaram, pela única porta da boate Rincão, a dançar e cantar. O público total foi de cerca de 15 mil.

As atrações musicais sucederam-se. Quando o grupo Pimenta e seus Companheiros terminou seu show, entrei entre as 2h e 3h da madrugada. Lá dentro, a festa continuava. A banda escocesa cinza os rios melódica, *Teacra cover de Amor de Chocolate*, do cantor Naldo, quando um dos integrantes me apresentou a Orla e eu fui, preferindo entrar lá para a apresentação.

Faltava do sinalizador atingirem a espuma de isolamento acústico que recebia o teto, acima do palco, produzindo as primeiras chuvas de espuma. Foi o suficiente que a princípio ninguém se peria. Mas, de repente, o vocalista atirou uma bola quente e o teto não resistiu em manter a espuma. Ela caiu sobre a plateia e a primeira chuva de espuma acabou. O público não se abalou, mas ficou mais atento.

[illegible]

Boate Kiss
Capacidade: 1 mil pessoas (divulgada pela boate)
Lotação no momento da tragédia: 1,5 mil pessoas (estimada pelos bombeiros)
Área: 615 metros quadrados

1 porta principal que servia como entrada e saída

Início do incêndio

Diagrama de planta baixa do teatro. O palco é dividido em duas partes: uma rotulada 'PALCO' e outra rotulada 'PALCO' e 'AREA VIP'. O início do incêndio é indicado no palco principal.

Início do incêndio
2h30min

Utilizada como revestimento acústico

Depois de efeitos luminosos no palco durante a apresentação da banda Gurizada Fandangueira, um dos integrantes do grupo

utiliza um sinalizador com a finalidade de aumentar ainda mais o show pirotécnico. Como iniciou um incêndio no revestimento do teto, tenta apagar com um extintor, mas o equipamento não funciona

participantes da festa na área em frente ao show logo veem a fumaça tomando o ambiente e começam a comer para a porta de saída situada na outra extremidade de onde estava a banda.

Vítimas

Pelo menos
230 mortos*

124 feridos*



Micrograph and schematic of a 300 nm scale bar.

Universitários organizaram a festa

A festa Agromerados foi organizada por estudantes de Agronomia, Medicina Veterinária, Zootecnia, técnico em Agromagnócio, técnico em Alimentos e Pedagogia da UFSM com a participação de duas



Como ocorre a morte por asfixia

1 A fumaça do incêndio reduz o nível de oxigênio respirado pelas vias, que passam a absorver monóxido de carbono (CO). O gás reduz a capacidade de transporte de oxigênio pelo sangue.

2 O cérebro passa a sofrer com a falta de oxigênio, que causa tontura e sonolência. Em três minutos o vitima desmaia.

3 Alguns minutos depois, a morte cerebral causa parada cardíaca.

2 A fumaça lesiona as vias respiratórias (nariz, garganta e pulmão) e provoca tosse. A sensação de "falta de ar" torna a respiração rápida

e ofegante, aumentando o nível de CO_2 e outros gases tóxicos nos pulmões.

6 No ambiente escuro tomado por fumaça, muitos frequentadores não conseguiram chegar à porta principal da boate e seguir para os banheiros na tentativa de sair pelas janelas. As boculinas foram encontradas quebradas e com o metal reboçado, mas as pessoas não conseguiram sair porque esbarraram no acabamento da fachada.

PORTA DE SAÍDA

A photograph of a wooden wall. On the left, a red fire extinguisher is mounted. In the center, a framed picture hangs on the wall. To the right, a dark object, possibly a bag or a piece of equipment, is visible. The wall is made of horizontal wooden planks.

Foto de 14 de março de 2012 mostra

a saída que leva ao corredor para o caixa de pagamento e à porta.

Integrante: Diego Fekur, Guilherme Gonçalves, Leandro Maciel, Thiago Machado, Fernando Gorda, Wallace Mossa e Gabriel Reme
Revisão: Mariana Ewert e Estéfania Moriel

ZERO HORA
Fundado em 4 de maio de 1964

Diários de Notícias 78 e Jornal EN
Mário Vilech

Diário de Operações Jornal EN
Petrônio Cruz

Diário Comercial e de Marketing do Jornal EN
Márcio Leite

Diários e Gráficos
Roberto Martins

www.zerohora.com.br

Enigmas do passado e do futuro, a segurança em locais de internamento e a possibilidade de que o país seja alvo de ataques terroristas são algumas das questões que a Santa Santa ainda está sendo investigada. Mas porque é que, depois de mais de 10 anos, não se sabe mais nada sobre o que aconteceu no dia 11 de setembro? E o que aconteceu com os corpos de bombeiros mortos, ainda mistérios com o porquê. Serão vítimas de um atentado ou de um acidente? E o que aconteceu com os corpos de bombeiros mortos, ainda mistérios com o porquê. Serão vítimas de um atentado ou de um acidente?

Em 2001, muitos líderes de movimentos conservadores ou nacionalistas que precisavam apagar o trabalho em conjunto na prevenção, o que vale para qualquer país, não queriam que o trabalho fosse feito. Mas aqueles que não concordavam com o fechamento das salas naturais, era um dilema que ainda não se resolveu. E, no entanto, a maioria dos países não quer que o trabalho seja feito. Mas aqueles que não concordavam com o fechamento das salas naturais, era um dilema que ainda não se resolveu. E, no entanto, a maioria dos países não quer que o trabalho seja feito.

Agilidade e emção
Ainda há muito a ser feito. Mas a Santa Santa, em sua missão oficial de prevenção, já está trabalhando para garantir que o trabalho seja feito. Mas a Santa Santa, em sua missão oficial de prevenção, já está trabalhando para garantir que o trabalho seja feito.

Prioridade
Ainda há muito a ser feito. Mas a Santa Santa, em sua missão oficial de prevenção, já está trabalhando para garantir que o trabalho seja feito. Mas a Santa Santa, em sua missão oficial de prevenção, já está trabalhando para garantir que o trabalho seja feito.

Para refletir
Ainda há muito a ser feito. Mas a Santa Santa, em sua missão oficial de prevenção, já está trabalhando para garantir que o trabalho seja feito. Mas a Santa Santa, em sua missão oficial de prevenção, já está trabalhando para garantir que o trabalho seja feito.

PARA CONHECER
Ainda há muito a ser feito. Mas a Santa Santa, em sua missão oficial de prevenção, já está trabalhando para garantir que o trabalho seja feito. Mas a Santa Santa, em sua missão oficial de prevenção, já está trabalhando para garantir que o trabalho seja feito.

ZERO HORA. QUARTA-FEIRA, 20/10/2011 JORNAL DO PIAUÍ

FECHA MÊS TUMELERO

SÓ PREÇO BAIXO. SÓ NA TUMELERO. SÓ ATÉ DIA 31.

ADUARO TUMELERO
1,20 m x 1,20 m

R\$ 12,90
m²

ADUARO TUMELERO
1,20 m x 1,20 m

R\$ 25,90
m²

ADUARO TUMELERO
1,20 m x 1,20 m

R\$ 32,90
m²

ADUARO TUMELERO
1,20 m x 1,20 m

R\$ 32,90
m²

ADUARO TUMELERO
1,20 m x 1,20 m

R\$ 32,90
m²

ADUARO TUMELERO
1,20 m x 1,20 m

R\$ 32,90
m²

ADUARO TUMELERO
1,20 m x 1,20 m

R\$ 32,90
m²

ADUARO TUMELERO
1,20 m x 1,20 m

R\$ 32,90
m²

ADUARO TUMELERO
1,20 m x 1,20 m

R\$ 32,90
m²

ADUARO TUMELERO
1,20 m x 1,20 m

R\$ 32,90
m²

ADUARO TUMELERO
1,20 m x 1,20 m

R\$ 32,90
m²

ADUARO TUMELERO
1,20 m x 1,20 m

R\$ 32,90
m²

ADUARO TUMELERO
1,20 m x 1,20 m

R\$ 32,90
m²

PISO PAREDE MILANO
LACA CÂMBIO

R\$ 6,90
m²

PISO PAREDE MILANO
LACA CÂMBIO

R\$ 189,90
m²

PISO PAREDE MILANO
LACA CÂMBIO

R\$ 189,90
m²

PISO PAREDE MILANO
LACA CÂMBIO

R\$ 189,90
m²

PISO PAREDE MILANO
LACA CÂMBIO

R\$ 189,90
m²

PISO PAREDE MILANO
LACA CÂMBIO

R\$ 189,90
m²

PISO PAREDE MILANO
LACA CÂMBIO

R\$ 189,90
m²

PISO PAREDE MILANO
LACA CÂMBIO

R\$ 189,90
m²

PISO PAREDE MILANO
LACA CÂMBIO

R\$ 189,90
m²

PISO PAREDE MILANO
LACA CÂMBIO

R\$ 189,90
m²

PISO PAREDE MILANO
LACA CÂMBIO

R\$ 189,90
m²

PISO PAREDE MILANO
LACA CÂMBIO

R\$ 189,90
m²

PISO PAREDE MILANO
LACA CÂMBIO

R\$ 189,90
m²

PISO CERÂMICO CECAP
LACA CÂMBIO

R\$ 8,90
m²

PISO CERÂMICO CECAP
LACA CÂMBIO

R\$ 8,90
m²

PISO CERÂMICO CECAP
LACA CÂMBIO

R\$ 8,90
m²

PISO CERÂMICO CECAP
LACA CÂMBIO

R\$ 8,90
m²

PISO CERÂMICO CECAP
LACA CÂMBIO

R\$ 8,90
m²

PISO CERÂMICO CECAP
LACA CÂMBIO

R\$ 8,90
m²

PISO CERÂMICO CECAP
LACA CÂMBIO

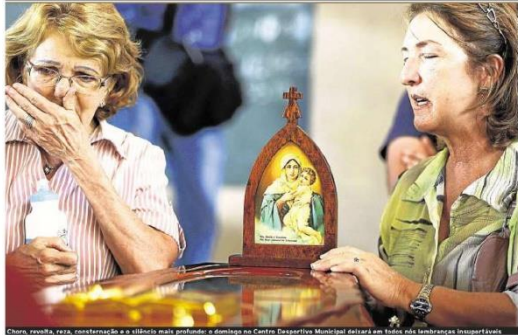
R\$ 8,90
m²

PISO CERÂMICO CECAP
LACA CÂMBIO

R\$ 8,90
m²

PISO CERÂMICO CECAP
LACA CÂMBIO

SANTA MARIA, 27/01/2013



Choro, revolta, raiva, desespero e a solidão mais profunda e demora no Centro Desportivo Municipal deixam as famílias das vítimas desesperadas.

Tulio Milman
tulio.milman@zerho.com.br

Fragmentos do que sobrou

A Santa Maria, 27 de janeiro. Depois de 24 horas de buscas, os corpos das vítimas foram encontrados. Os corpos foram encontrados em locais diferentes, alguns em locais que não eram considerados possíveis locais de queda. Os corpos foram encontrados em locais diferentes, alguns em locais que não eram considerados possíveis locais de queda. Os corpos foram encontrados em locais diferentes, alguns em locais que não eram considerados possíveis locais de queda.

104 chamadas não atendidas

Carlos Vitor, 36 anos, 64 em 2012, deu as coordenadas voluntárias que ajudaram a tirar mais de 200 vítimas de dentro dos caminhões para o ginásio do Centro Desportivo Municipal.



Agentes de Resgate do Exército Brasileiro e uma mulher se abraçam no Ginásio do Centro Desportivo Municipal.

"Não tenho mais esperança"

MARCELO BARRON
Quando Tulo Tamião soube que a filha, Larissa, estava morta, ele ficou em choque. Ele não conseguia acreditar. Ele não conseguia acreditar. Ele não conseguia acreditar. Ele não conseguia acreditar. Ele não conseguia acreditar.



Seu Tamião perdeu a filha, Larissa, 23 anos, mãe de uma menina.

SANTA MARIA, 27/01/2013

Horror em nove passos

1. SINALIZADORES
2. PLANO DE PREVENÇÃO VENCIDO
3. SAÍDAS DE EMERGÊNCIA
4. LOTAÇÃO
5. LUZES DE EMERGÊNCIA
6. EQUIPES DE INCÊNDIO
7. BASCULANTES LACRADAS
8. REVESTIMENTO UTILIZADO
9. AÇÃO DOS SEGUROS

Seus dados de emergência, muitas vítimas tentaram ligar para parentes e amigos, mas não conseguiram. Elas não conseguiram ligar para parentes e amigos, mas não conseguiram. Elas não conseguiram ligar para parentes e amigos, mas não conseguiram.

As vítimas

WICTON SCHMITZ: 21 anos, morador de São Borja. Cursava Direito na UFRRJ, em Santiago Estava a passeio em Santa Maria.

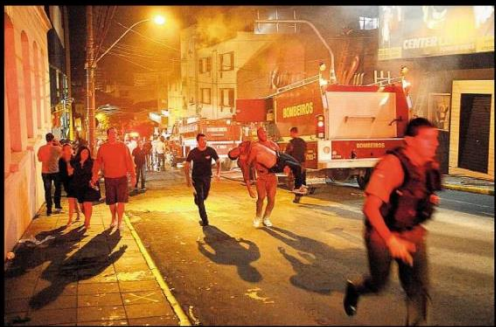
ADÃO LUIS LINDE
Supervisor de Recursos Humanos, em exercício
DEIVETRI DE SOUZA VARGEMIRAI
Coordenador de Seleção e Ingresso

54 JOURNAL OF DOCUMENTATION, vol. 56, no. 1, 2002

Loteca Loterias

Um incêndio às 2h30min de ontem na boate Kiss, no centro de Santa Maria, mergulhou o Rio Grande do Sul na pior tragédia de sua história. O fogo teria começado durante um show pirotécnico. A danceateria estava lotada, e havia apenas uma porta de emergência. Pelo menos 230 pessoas, a maioria jovens, morreram.

David Coimbra 	Diana Corso 	Fabício Carpinejar 	Humberto Trezzi 
"Caminhei pelos corredores macabros formados pelos corpos"	"A morte de um filho é um milhão de vezes mais insuportável que a nossa"	"Mais de 200 jovens sem o último beijo da mãe, do pai, dos irmãos"	"Sala do Desespero. Assim foi apelidado o local onde os corpos eram depositados"



Vítima é socorrida na Rua dos Andradas, onde fica a casa naturna

Moisés Mendes 	Rosane de Oliveira 	Martha Medeiros 	Paulo Sant'Ana 
"Foi-se mesmo o mundo de tanta gente em Santa Maria"	"Para que o drama não se repita, é preciso fiscalização rigorosa"	"Quem não tem filhos sofre. Quem tem se arrebenta"	"Morreu gente universitária, o futuro da nação"

